

SESSÕES DO PLENÁRIO

16ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 28 de abril de 2016.

PRESIDENTE: DEPUTADO EDUARDO SALLES (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Bom-dia a todos.

Declaro aberta a nossa sessão especial em homenagem à cadeia produtiva da mandioca no Estado da Bahia. Esta sessão especial foi proposta por mim, deputado Eduardo Salles.

Gostaria, inicialmente, de agradecer a presença de todos vocês que se deslocaram do interior da Bahia e que são representantes oficiais da cadeia da mandiocultura no Estado da Bahia.

Queria convidar para fazer parte da Mesa o Dr. Manoel Mendonça, nosso secretário da Ciência, Tecnologia e Inovação. Gostaria de convidar, provisoriamente, Adriano Bouzas, superintendente da Seagri, porque ainda está vindo o nosso secretário da Agricultura, Vítor Bonfim, colega deputado, e ele pediu para darmos início, devido a seu atraso. Quando o secretário chegar, Adriano dá o espaço.

Convido Marcelo Matos, o nosso superintendente da Agricultura Familiar, neste ato representando Jerônimo Rodrigues, secretário do Desenvolvimento Rural, que se encontra num evento sobre café, no qual eu também estaria, em Barra da Estiva. Temos o prazer de ter Marcelo Matos aqui, substituindo-o.

Convido o amigo Paulo Roberto Reis, superintendente federal substituto do Ministério da Agricultura, que eu chamo de nosso ministro da Agricultura na Bahia; Jeandro Laytynher, superintendente da CAR, representando neste ato Wilson Dias, nosso presidente da CAR, que também se encontra no evento, junto com o secretário Jerônimo, em Barra da Estiva; o nosso chefe-geral substituto da Embrapa, Carlos Estevão, representando aqui o chefe-geral Vilarinho, conhecedor maior, inclusive, da mandiocultura no Estado da Bahia. Quero convidar também o pesquisador da Embrapa, a pessoa que vai estar também, com Estevão, falando um bocado para nós sobre a mandiocultura, o nosso amigo Joselito Mota, que é especializado na questão da mandiocultura no Estado; Luiz Henrique do Amaral, presidente-executivo da Abrasel - Associação Brasileira de Bares e Restaurantes, que neste ato representa também as panificadoras do Estado da Bahia; Lanns de Almeida Filho, diretor-geral do Instituto Biofábrica de Cacau, meu amigo, ex-secretário da Agricultura de Itabuna;

e o nosso amigo, presidente da Câmara Setorial da Mandioca no Estado da Bahia, Izaltiene Rodrigues Gomes.

Senhoras e senhores, quero registrar as demais pessoas, os chefes de gabinetes, representantes dos secretários aqui presentes, prefeitos, e agradecer a presença de todos.

Ouviremos agora o Hino Nacional.

(Execução do Hino.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Eu queria colocar que apesar de ser uma sessão especial nesta Casa, hoje é um dia de trabalho. Durante seis anos estive à frente da Secretaria de Agricultura do Estado da Bahia, e temos aqui vários amigos que àquela altura eram secretários ou eram superintendentes, ou seja, já representantes do segmento, sem dúvida alguma hoje é um dia de trabalho, é um dia em que estamos aqui com um objetivo bem claro, o de mudar a vida do interior da Bahia, da mandiocultura, da cadeia da mandiocultura tão importante para o nosso Estado.

Preparei aqui alguns dados, o modelo que preparamos hoje para conversarmos um pouco com vocês é um modelo operacional. A ideia é que eu leia para vocês qual é o projeto de lei nosso e dê alguns dados aqui, depois ouviremos, rapidamente, um vídeo, que poderemos cortar em certo ponto, já pedi autorização ao autor, o nosso querido Joselito, porque o objetivo... já que temos Joselito aqui “ao vivo e a cores”, como diz o outro, é melhor ouvi-lo aqui do que colocar e ouvir o vídeo inteiro. Porque poderíamos atrasar os nossos trabalhos aqui.

O Joselito depois conversa um pouco com vocês e o nosso querido Estevão, como técnico, como representante, fala um tempo maior para vocês e depois abriremos a palavra para as pessoas aqui presentes. Eu queria até corrigir, primeiro passarei a palavra para uma saudação do nosso secretário de Ciência e Tecnologia, volto a dizer que o secretário da Agricultura mandou uma mensagem dizendo que está atrasado, mas que chegaria para a sessão para também conversar conosco um pouco sobre isso.

Eu começaria passando para vocês o que é exatamente o projeto de lei, não usarei o púlpito, ficarei aqui mesmo, volto a dizer a vocês, é um dia de trabalho, então não precisaria de nada formal para que a gente vá ao púlpito falar.

Primeiro, esta sessão tem o objetivo claro, como disse a vocês, que é aprovarmos depois aqui um projeto que, sem dúvida, será um projeto estruturante para todo o setor, para toda a cadeia da mandiocultura no Estado da Bahia.

Esse projeto há cerca de 2 anos, eu já secretário de Agricultura, não era legislador, solicitei na época ao deputado estadual Mário Júnior, que colocasse um projeto dessa dimensão, dessa magnitude para que pudéssemos avançar no segmento da mandiocultura no Estado. Preparei todos os dados, está ali Carlos Armando, que era o meu assessor direto na secretaria, estudamos bastante a cadeia da mandiocultura com a Embrapa, com a EBDA àquela altura, e pegamos dados que nos basearam para elaborar um projeto. Àquela altura, o deputado Mário Júnior preferiu colocar um

projeto que já havia sido aprovado em nível nacional, um projeto da deputada Elcione Barbalho, e depois aprovado com o deputado Aldo Rebelo. Esse projeto do “paõzinho brasileiro” foi aprovado pela Câmara dos Deputados, mas, infelizmente, não foi sancionado pelo presidente Lula. Sabemos que o cartel do trigo é muito forte, e, naquele momento, houve uma pressão muito grande em cima do presidente da República para que não sancionasse esse projeto.

Resolvemos, então, fazer uma coisa em nível estadual e utilizamos já os dados mais baseados na questão estadual. Naquela altura, houve uma polêmica grande, porque era um projeto mais abrangente que o deputado Mário Júnior quis colocar. Conversei com o deputado Mário Júnior. Quando ele saiu daqui, o projeto sucumbiu na Casa, porque, não tendo ninguém para defendê-lo, ele morreu. Então, elaborei o projeto naquelas bases que tínhamos pensado anteriormente.

Eu queria, inicialmente, ler o projeto – ele é pequeno – para que vocês entendam a sua base, qual é o seu objetivo maior. O projeto de lei nosso (Lê) *“Determina a obrigatoriedade da substituição de até 10% da farinha de trigo pela fécula de mandioca, produzida no Estado da Bahia, estabelece as condições para sua comercialização, cria o Certificado de Responsabilidade Social e dá outras providências.*

Art. 1º - Esta Lei institui a obrigatoriedade da substituição da farinha de trigo pela fécula de mandioca, nos moinhos de trigo, para uso exclusivo na panificação, bem como as condições de comercialização, nas proporções abaixo especificadas:

I – 2% (dois por cento), nos primeiros 12 (doze) meses subsequentes à entrada em vigor desta Lei;

II – 4% (quatro por cento), do 13º (décimo terceiro) mês ao 24º (vigésimo quarto) mês subsequente à entrada em vigor desta Lei;

III – 6% (seis por cento), do 25º (vigésimo quinto) mês ao 36º (trigésimo sexto) mês subsequente à entrada em vigor desta Lei;

IV – 8% (oito por cento), do 37º (trigésimo sétimo) mês ao 48º (quadragésimo oitavo) mês subsequente à entrada em vigor desta Lei;

V - 10% (dez por cento), a partir do 49º (quadragésimo nono) mês da entrada em vigor desta Lei.

Parágrafo Único - O Moinho que se antecipar à progressividade anual disciplinada neste artigo, receberá benefícios fiscais, a serem estipulados pelo Poder Executivo, proporcionais ao período de antecedência anual.

Art. 2º – Fica o Poder Executivo Autorizado a:

I – elevar o percentual máximo de 10% estabelecido no artigo 1º desta Lei para até 15% (quinze por cento), quando julgar conveniente em face das condições locais de mercado e da tecnologia de produção;

II – reduzir, em situações de emergência, os percentuais estabelecidos no artigo 1º desta Lei, quando as condições de mercado de derivados de mandioca e as necessidades de abastecimento da população assim o recomendarem;

Art. 3º - A autorização do órgão competente a que se refere o artigo anterior será dada levando-se em conta as condições de mercado, destinando-se a farinha pura à confecção de produtos cuja tecnologia de produção exija sua utilização exclusiva.

Art. 4º - O não cumprimento do disposto nesta lei acarretará a aplicação das seguintes sanções:

I – Notificação, com prazo de 15 dias para regularização.

II – Em caso de descumprimento, multa diária no valor de R\$ 10.000,00. A mesma será revertida para o Fundo Estadual de Proteção ao Consumidor - FEPC/BAHIA.

Art. 5º - A panificadora que atender as normas previstas nesta Lei receberá da Secretaria de Desenvolvimento Rural – SDR – um Certificado de Responsabilidade Social por estimular a produção da Agricultura Familiar do Estado da Bahia.

Parágrafo Único – Os órgãos fiscalizatórios competentes ficam responsáveis pela fiscalização de cumprimento desta Lei.

Art. 6º - Esta lei entra em vigor 120 dias após sua publicação.

Deputado Eduardo Salles.”

Bem, a justificativa, eu gostaria de colocá-la também de maneira rápida, mas isso vai ser feito de uma maneira mais técnica pelos nossos queridos representantes técnicos da Embrapa e outros que queiram falar.

Não vou ler esse pedaço grande aqui, vou explicar a vocês o que acontece. A cadeia da mandiocultura no Estado da Bahia, segundo dados do IBGE – os últimos dados que eu tinha eram de 2005, a Bahia chegou a ter, praticamente, 400 mil hectares, ou, mais precisamente, 360 mil hectares de área plantada de mandioca, e chegou a produzir 4 milhões e 600 mil toneladas de mandioca.

Guardem estes números para ficar mais objetivo: quase 400 mil hectares de área plantada e quase 5 milhões – 4 milhões e 700 mil – de toneladas de mandioca, isso em 2005. Em 2015, exatamente 10 anos depois, tivemos, segundo o próprio IBGE, uma área plantada de 164 mil hectares. Então, reduzimos à metade da nossa área plantada no Estado da Bahia e a produção caiu de 4 milhões 700 mil toneladas para 1 milhão e 800 mil toneladas.

Chega a ser assustador esse dado. Volto a dizer, num Estado que é o terceiro maior produtor de mandioca do País. O primeiro maior produtor é o Estado do Pará, o segundo é o Estado do Paraná, e a Bahia é o terceiro. Mas, em contrapartida, a Bahia é um dos últimos produtores de fécula de mandioca. Até produz bem, mas tem 2 problemas graves na minha visão, que são a baixa produtividade e o fato de não termos a agro industrialização a pleno.

Só para citar a vocês: no Estado da Bahia, a demanda de trigo, estimada pelos nossos técnicos, é, de forma conservadora, 450 mil toneladas por ano. Então, importamos 80% do trigo consumido no Brasil, para vocês terem uma ideia. A balança comercial é muito prejudicada em razão de o trigo ser importado. Infelizmente, cada País tem a sua expertise, digamos assim. Temos hoje, por exemplo,

o algodão brasileiro. A maior produtividade de algodão no mundo é no Brasil. Não existe país no mundo que tenha competitividade conosco, tanto em qualidade como em produtividade. O Brasil ganhou na Organização Mundial do Comércio uma ação porque os Estados Unidos começaram a subsidiar o seu algodão para chegar à competitividade. Isso é para dizer a vocês que o inverso acontece com o nosso trigo. Infelizmente os estados do Sul que produzem mo trigo não temos a competitividade, a capacidade de competir com alguns outros países que são mais competentes na produção do trigo, e por isso essa balança é tão desigual.

Só para dar uma ideia a vocês, cada 2 hectares de mandioca plantados geram um emprego. Uma conta simples que fizemos mostra que, com a nossa produtividade média, que é muito baixa, em torno de 14 toneladas por hectare, demandaria, para colocarmos até o limite máximo de 10% fécula de mandioca, plantar mais 14 mil hectares no Estado. Esses 14 mil hectares dariam conta, com a produtividade desses 10%, gerariam diretamente na cadeia 7 mil empregos diretos.

É importante dizer que a fécula de mandioca, na grande maioria do tempo em que se pesquisou, tinha o preço do quilo muito mais baixo do que o da farinha de trigo. O único problema é quando temos uma seca, como tivemos há 2 anos, realmente, aí temos um valor... Fizemos uma previsão no nosso projeto de lei, e caso... Espero que não tenhamos, vivi 3 anos dessa pior seca da história da Bahia e do Nordeste, e realmente tivemos uma queda significativa na produção, não só da mandioca, mas de diversos outros produtos.

Então, a lei também prevê isso, a gente colocou uma lei sem criar polêmica demais, já que a lei nacional causou diversas polêmicas. Então, procuramos nos municiar. Conversei com o ex-presidente do sindicato das panificadoras Mário Piton, para que ele fizesse sugestões, passamos vários meses discutindo com os técnicos como fazer melhor essa lei, para que não causasse tanta polêmica e, ao mesmo tempo, avançasse nesse processo.

Não vou entrar em detalhes em relação a isso, mas queria dizer somente que a Bahia... O objetivo nosso, com o projeto de lei, é que não façamos uma coisa martelada e grandiosa de uma vez. O Joselito vai falar sobre os testes que foram feitos ao longo desses anos. Com certeza, podem-se usar 20% de fécula de mandioca no pão, ou muito mais, dependendo do tipo de farinha de trigo, mas com 10% não existe nenhuma possibilidade de causar qualquer prejuízo ao sabor ou às questões inerentes à qualidade do pão.

Então, queríamos batizar de pãozinho baiano e fazer esse trabalho de forma escalonada, não queríamos chegar no ano que vem e precisar de 10% de fécula de mandioca e não haver no Estado da Bahia. Fomos prudentes, colocando a cada ano um acréscimo de 2% nos moinhos para que possamos ir lubrificando a nossa máquina, as agroindústrias que existem hoje. Queria, inclusive, parabenizar e depois ouvir um depoimento do representante da Bahiamido, temos aqui o representante, também da Coopasub, duas das maiores fecularias e produtoras até de amido modificado, como é o caso da Bahiamido, no município de Laje, e Coopasub, em Vitória da Conquista. Tive oportunidade, quando secretário da Agricultura, de

inaugurar essas duas feculárias, trabalhar desde o projeto inicial e depois inaugurar.

O objetivo maior é sensibilizar vocês, como tenho tentado sensibilizar os meus colegas deputados. Tenho certeza de que quem ama a Bahia, quem ama a agropecuária baiana, quem sabe a importância da agricultura familiar, dos mais de 700 mil agricultores familiares – a Bahia tem o maior número no País –, sem dúvida alguma apoiará esse trabalho. Esse projeto de lei, sendo aprovado nesta Casa, vai iniciar um processo que, digo a vocês, não vai parar mais, porque vai disparar um gatilho, e os demais estados brasileiros também vão propor projetos e nós, sem dúvida, vamos conseguir fazer o pãozinho brasileiro com 10% de fécula de mandioca, ampliando os horizontes da competitividade. Todos vocês sabem que o mercado é oferta e demanda. Então, não tenho dúvida: a produção de fécula de mandioca no Estado sair de quase 400 mil hectares plantados para menos de 200 mil hectares plantados, a questão preço tem muito a ver com isso. A questão preço é importante. Quando a demanda por fécula de mandioca, consequentemente pela raiz da mandioca, aumentar, sem dúvida alguma vamos ter também uma condição melhor de preço para os produtores e estímulo à produção.

Eu, enquanto secretário, e os técnicos da Embrapa, os técnicos da EBDA e os técnicos do Ministério da Agricultura como um todo, e da Secretaria da Agricultura, elaboramos um plano que foi pioneiro no Brasil, depois foi copiado pelo Brasil inteiro, chamado Reniva, um programa pelo qual, em cada região produtora de mandioca no Estado, a EBDA coletava as melhores plantas, com maior produtividade de mandioca, e enviava para a Embrapa em Cruz das Almas. Lá, era feita uma “limpeza” dessas plantas para tirar vírus, bactérias, e tornar uma planta isenta de qualquer doença, e as mudas, enviadas para o Instituto Biofábrica do Cacau, em Ilhéus, onde é multiplicada por várias vezes e colocada em viveiros para fazer manivas isentas e com alta produtividade. Depois essas manivas, que é aquele pedaço do caule da mandioca que permite a reprodução da mandioca nas mesmas condições, são enviadas para o que chamamos de maniveiros, que são pessoas que recebem um *kit* de irrigação naquelas regiões para onde vieram aquelas matrizes de alta qualidade. Aí, essas matrizes retornam àquele maniveiro, ele recebe dinheiro para multiplicar essas manivas em um hectare. Depois, são distribuídas gratuitamente essas manivas de mandioca para os agricultores familiares de toda a região.

Sem dúvida alguma, esse não foi um projeto elaborado por Eduardo Salles, tudo o que eu fiz na Secretaria da Agricultura foi um trabalho de equipe. Foram várias opiniões, várias discussões. Ao longo desses anos, nós elaboramos esse projeto conjuntamente com a Embrapa e conseguimos fazer com que o País inteiro olhasse para esse projeto como pioneiro. Daí, o Vilarinhos, que hoje é chefe da Embrapa, naquela altura não era, foi comigo ao Ministério da Integração em Brasília, que abraçou a ideia para poder colocar em todo o Nordeste brasileiro esse projeto.

É importante que vocês entendam que o objetivo maior nosso era de criar um momento de sustentabilidade para que o agricultor familiar possa, sim, ter a condição de competitividade com qualquer grande produtor de mandioca do Paraná ou onde quer que seja, através dessa condição básica que foi trazida para nós através da

EBDA, pela Embrapa como uma condição *sine qua non*, que é de ter mudas de alta qualidade.

Eu teria muito mais para falar, mas encerro minhas palavras cumprimentando algumas pessoas que aqui estão. Chegou agora o nosso diretor do Sindicato de Panificadores, Maurício Vilas Boas, a quem quero cumprimentar e agradecer a presença. Quero cumprimentar a amiga Fátima Barbosa, chefe de gabinete do nosso vice-governador João Leão, a quem agradeço muito pela presença aqui; Marcelo Matos, Jackson Ornellas, também amigo, representando o secretário de Infraestrutura Hídrica, Cássio Peixoto; cumprimentar Marilda, amiga representando nosso querido Back Davis do Banco do Nordeste; Quelson Vilian, que está aqui representando o superintendente do Banco do Brasil, Carlos Alberto Ramos.

Quero cumprimentar todos os vereadores presentes, são tantos, se eu esquecer o nome de alguém, por favor, corrijam-me: Harlande, de Lajedo de Tabocal, Osvaldo de Cruz das Almas, Sandro de Bonito. Cumprimentar o prefeito de Lajedo de Tabocal – Licinho, o prefeito de Curaçá – Carlinhos. Cumprimentar Murilo, diretor de Políticas de Biodiversidades e Florestas da Secretaria de Meio Ambiente. Quero cumprimentar Cecília, presidente da Cooperativa de Sapeaçu. Eu queria chamar à Mesa D. Cecília. A senhora se importa de sentar-se aqui conosco? Venha, nós não temos nenhuma mulher à Mesa, por favor, representando as mulheres e também a agricultura familiar. (Palmas)

Cumprimentar o nosso querido Eládio Bahia, secretário da Agricultura de Sapeaçu; James, secretário de Desenvolvimento Rural de Muritiba; Mica, secretário da Agricultura de Maraú; o secretário de Agricultura de Laje e o secretário da Agricultura de Curaçá.

Eu queria agora passar rapidamente um vídeo que tem uma entrevista, pelo menos ver parte dela, uns 5 minutos para, depois, a gente ouvir ao vivo a palavra do Joselito. Antes, quero passar, enquanto preparo o vídeo, uma saudação do nosso querido secretário de Ciência e Tecnologia, Manoel Mendonça, que nos dá o prazer e tem tudo a ver.

Vocês viram que, quando falamos em Embrapa - uma empresa de pesquisa -, do desenvolvimento e de juntar a pesquisa com o campo, sem dúvida alguma estamos falando de ciência, tecnologia e inovação. Temos o privilégio de termos hoje um secretário como Manoel Mendonça, uma pessoa que veio da origem do setor. E muito honra o Estado da Bahia que ocupe essa função ele, que nos dá o prazer de tê-lo neste dia aqui.

Vou passar-lhe a palavra para os cumprimentos. Depois assistiremos ao vídeo.

Antes quero cumprimentar os alunos do Colégio Augusto Comte. Uma salva de palmas para eles! (Palmas)

Nós, aqui na Assembleia, temos sempre o prazer de ter a visita dos estudantes. Fazendo um parêntese, Manoel, só para dizer que sou presidente da Comissão de Educação desta Casa, e neste ano vamos fazer um negócio muito legal, mesmo com o que está se passando na política nacional, pois ligamos a televisão e vemos momentos

muito deprimentes na nossa área. Mas queremos mostrar que a política também é feita por pessoas boas e precisamos saber separar. Estamos falando do trigo hoje, e é necessário sabermos separar, como dizia a minha avó, o joio do trigo e igualmente que existem políticos do bem e do mal. Porém não podemos generalizar tudo isso.

Então, agora em 2016, a Comissão de Educação promoverá neste Legislativo a eleição de deputados jovens. Vamos ter aqui um momento em que as escolas estaduais do Ensino Médio vão eleger deputados que durante uma semana vão se tornar parlamentares e passarão por todas as Comissões. Portanto, vão entender o trâmite de ser deputado por 7 dias. Logo, é um trabalho importante. Acho que vai ser muito gratificante termos esse foro de eleição.

Quero cumprimentar nosso eterno prefeito de Ipiaú, o Dr. José Mendonça - estávamos falando de política, - que foi o primeiro prefeito a instituir a Ouvidoria de um município. Ele pegou os estudantes... Eu estava falando que vamos elegê-los, Dr. Mendonça. Elegeremos neste ano alunos eleitos pelas suas classes e regiões, pelos seus municípios, e durante uma semana eles estarão nesta Casa como deputados. (Palmas)

Relembrava quando o senhor foi prefeito duas vezes de Ipiaú e estabeleceu, feita pelos estudantes, uma Ouvidoria para fiscalizá-lo como prefeito, se estava cumprindo, se estava usando o dinheiro público corretamente.

Então, será um momento muito importante. Depois, no final, vou também lhe passar a palavra para que faça os seus cumprimentos.

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Passo a palavra agora ao secretário de Ciência e Tecnologia, Manoel Mendonça, para os seus cumprimentos.

O Sr. MANOEL MENDONÇA:- Bom-dia a todos.

É um prazer enorme estar aqui nesta Casa, a Casa de todos nós, de todos os baianos, em mais uma iniciativa que acho muito importante. Sempre digo que a nossa agricultura talvez seja o ponto mais brilhante na parte da tecnologia no País, mas um dos grandes desafios para esse setor é justamente agregar valores à cadeia e então fortalecer a agroindústria.

O deputado Eduardo Salles, e em nome dele gostaria de saudar todos os deputados desta Assembleia, é uma pessoa que se preocupa com esse assunto. E nesse processo, na descrição da Reniva, a ciência e a tecnologia são muito importantes, como também gerar a demanda. Esse projeto vem ao encontro disso, tendo uma dimensão não somente econômica, mas igualmente social.

Todos nós sabemos do impacto que a agricultura familiar tem na produção da mandioca, e isso está revelado aqui pela presença da nossa SDR. E nesse ponto eu gostaria de saudar os profissionais da Secretaria de Desenvolvimento Rural que trabalham tão bem nesse assunto e o secretário Jerônimo Rodrigues. E também do ponto de vista do agronegócio a nossa Secretaria da Agricultura, que tem feito um belo trabalho com o Vitor Bonfim. Ambas demonstram a importância desse projeto.

Claro que tem de haver uma discussão, e esta Mesa revela isso. Mas é um projeto que eu, conhecendo o deputado, tenho certeza de que tem um embasamento

técnico muito forte. A nossa Embrapa é uma das estrelas brilhantes da ciência e tecnologia do nosso País. E uma Mesa composta de tantos técnicos aqui, acho que revela o cuidado que tem por trás dessa proposta de projeto.

Gostaria de encerrar a minha fala - acho que todos nós queremos ver a discussão técnica e o vídeo - saudando todos os agricultores e todos os representantes dos municípios que aqui estão. Acho que a mandioca é produzida em praticamente todos os municípios do Estado, e esta presença tão diversa de tantos representantes e tantos secretários municipais só reflete essa abrangência.

Então, gostaria de saudar e parabenizar o deputado pela iniciativa.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Vamos então ouvir parte dessa entrevista que eu achei muito interessante da importante jornalista de nível nacional Leda Nagle com o nosso querido Joselito Motta nos estúdios.

(Apresentação de vídeo.)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Deixem eu dizer a vocês que esse vídeo dura 30 minutos e não poderemos assisti-lo até o seu final, pois atrapalharia as discussões. Já que temos aqui, ao vivo e em cores, o nosso querido Joselito, não precisamos mais desse vídeo.

Eu queria, neste momento, passar a palavra... Primeiro você, Estevão, ou Joselito? Você que sabe. (Pausa)

Então vou passar a Estevão, um técnico renomado na mandiocultura no Brasil. Vamos passar primeiro para Estevão, depois ouviremos o Joselito.

O Sr. CARLOS ESTEVÃO LEITE:- Bom-dia! É um prazer muito grande participar desta sessão em homenagem à cadeia da mandioca, e aproveito para, mais uma vez, pedir desculpa pela ausência do nosso chefe-geral, Dr. Alberto Vilarinhos, pois está atendendo a um chamado da diretoria da Embrapa, participando da primeira reunião de seus gestores, em Brasília.

Gostaria de parabenizar o deputado Eduardo Salles, entusiasmado por essa atividade, desde quando estava como secretário, mostrando sensibilidade para essa cadeia que tanto precisa de apoio, e também parabenizar a Assembleia Legislativa por abrir espaço para essa discussão, numa sinalização, numa indicação de acolhimento dessa futura proposta. Isso nos anima muito.

Gostaria de aproveitar essa oportunidade para colocar alguns pontos para refletirmos sobre o projeto e sobre esta cadeia que precisa de tanto apoio.

Iniciativas que criam mercados para as cadeias de produções industriais não podem ser contestadas. Acho que seria uma irracionalidade em algum momento tentarmos contestar algum tipo de iniciativa que tenta criar mercado para determinada cadeia, sobretudo quando se trata de uma cadeia que muito contribuiu, desde os momentos iniciais da colonização do Brasil, abrindo novas fronteiras que permitiram

a conquista desse grande território brasileiro, adentrando o continente sul-americano.

Essa cadeia pode ainda contribuir muito mais como fonte de carboidrato, com uma diversidade gigantesca de produtos que podem ser utilizados a partir do amido, que foge até às nossas competências de imaginar, pois muitos estão ainda por vir. Só o que compõe hoje o portfólio de derivados da mandioca, muitos de nós não conhecemos.

Ela também pode contribuir como fonte de proteína para alimentação animal. Isso ainda é pouco utilizado, mas a mandioca é muito rica em proteína e pode contribuir, e muito, com a alimentação animal no Brasil.

Além de já ter muito contribuído com o Brasil, essa cadeia, no entanto, nem sempre gozou de incentivos e subsídios que alguns casos até a penalizaram, como é o caso do subsídio do trigo.

Portanto, há um débito histórico que precisa ser compensado, carece de uma compensação por parte da sociedade brasileira. A sociedade brasileira deve isso à cadeia da mandioca, e é preciso ser compensado.

Mas voltando ao incentivo para a cadeia da mandioca via criação de mercados cativos, isso implica em contrapartidas que vários atores dessa cadeia devem estar atentos. Por exemplo, a governança atual da cadeia não é adequada e leva à instabilidade de preços e de oferta. Urge corrigir esse processo para reduzir assimetria de informação entre produtores, industriários e processadores.

O segundo ponto, inovação e os novos, ou mesmo antigos, conhecimentos necessitam chegar aos produtores de mandioca. Não se pode admitir que se jogue fora insumo importado, por exemplo, quando ainda se faz adubação fosfatada a lanço em cima da cova. Isso só se reverte com capacitação e uma terra de qualidade contínua, secretário. Estou convencido de que poderíamos avançar muito nessa situação.

Ainda falando na questão dos novos conhecimentos que precisam chegar para a cadeia da mandioca, eu queria fazer, permita-me, uma provocação ao secretário Manoel Mendonça. Estamos num processo de discussão, com um edital na Fapesb para atender a várias linhas de pesquisas com a mandioca. Acho que seria uma contribuição interessante da Secretaria de Ciência e Tecnologia, que a gente pudesse viabilizar esse chamado para os pesquisadores atuarem com mais presença, com mais enfoque na cadeia da mandioca para andar convergindo com essa proposta que está sendo colocada aqui na Mesa. Essa é a provocação que eu faço ao senhor.

Nós já temos um exemplo bem-sucedido dessa construção da Embrapa com a antiga EBDA para universidades com o edital de fruticultura, o de mandioca está pronto. Sei que o Estado está passando por uma situação difícil, o País como um todo, mas, retomando o meu ponto inicial do quanto que nós devemos a essa cadeia, acho que poderemos olhar de forma diferente. Essa é a provocação. (Palmas)

A Embrapa que nesta semana, no último dia 26, completou 43 anos de criada, uma quarentona, já vem contribuindo nesse processo de inovação e compartilhamento de conhecimentos para a cadeia da mandioca no Estado da Bahia.

Não me vou estender mais porque o tempo não justifica. Mas, de qualquer

forma, do total de mais de 20 variedades de mandiocas já lançadas e recomendadas no Brasil como um todo, porque o centro embora fique na Bahia ele é nacional, vale destaque, por exemplo, para Formosa, um híbrido criado pela Embrapa Mandioca e Fruticultura, unidade que fica em Cruz das Almas, avaliado quanto a bacteriose pela Embrapa Cerrados, uma outra unidade da Embrapa que fica em Brasília, e só permitia ser avaliado lá porque é lá onde há o problema da bacteriose. E esse híbrido foi testado juntamente com os técnicos da ex-EBDA e os produtores rurais do Sudoeste da Bahia. Essa variedade que está agora sendo, inclusive, avaliada em parceria com a Bahiamido, o Marco está ali me olhando...

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Estevão, permita-me convidar o nosso secretário Vítor Bonfim para ficar conosco na Mesa. (Palmas)

O Sr. CARLOS ESTEVÃO LEITE CARDOSO:- Com certeza. Por favor.

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Sales):- Secretário Vítor, nós estamos aqui tomando uma aula sobre a questão da mandiocultura com Carlos Estevão, representante do chefe da Embrapa de Cruz das Almas. Ele nos está dando uma geral aqui, já fez reivindicações ao seu colega secretário Manoel Mendonça sobre a pesquisa da mandioca, dos recursos da Fapesb e estava continuando.

O Sr. CARLOS ESTEVÃO LEITE CARDOSO:- Muito obrigado. Seja bem-vindo, secretário, à nossa Mesa.

Continuando, essa contribuição concreta da Embrapa para a cadeia no Estado da Bahia.

Destaca-se também a variedade Kiriris que minimizou os problemas causados pela podridão das raízes no Litoral Norte da Bahia e no vizinho Estado de Sergipe. Vinha-se perdendo muito em podridão das raízes e essa variedade permitiu avançar e minimizar esse problema.

Queria também destacar a proposição do beiju colorido como alternativa de agregação de valor para esse produto sem gerar grandes custos ao processo de produção. Isso também é um produto da nossa unidade no sentido de agregar valor.

Pediria licença para comentar os resultados de um pesquisador da Embrapa, um dos criadores da Embrapa, o Dr. Eliseu. Em seus estudos recentes, ele destacou a importância da pesquisa no trabalho e que é importante ainda valorizar mais ainda (Lê): *“O conhecimento não cristalizado, aquela que não está materializado em nenhum tipo de insumo ou produto, mas que estão inseridos nas interações e articulações que são estabelecidas com os agricultores. Disse ele: “Esses conhecimentos cristalizados em insumos e produtos contribuem apenas secretarias com 30% do incremento da produção, isso se falando da agricultura como um todo, mas, os não cristalizados somam os outros 70% que podem fazer parte do dia a dia do produtor”, disse o Dr. Eliseu, que é um economista importante”*.

O que ele está dizendo? Que, às vezes, é importante se correr atrás de um bom insumo, uma boa variedade, mas não podemos deixar de lado informações. Isso é extremamente importante e ele está provando que 70% dos avanços na agricultura têm ocorrido por conta do conhecimento não cristalizado em um produto ou num

insumo.

Pois bem, para ressaltar um exemplo desse, no caso da nossa unidade aqui na Bahia, em Cruz das Almas, (Lê) *“A interação da Embrapa com todo o complexo de apoio existente no Baixo Sul (cooperativa - Coopatan, Casa Familiar Rural Tancredo Neves - CFR-PTN e outros), proporcionou um incremento de produtividade da mandioca no período de 2003 a 2010 de quase 35%, isso significou passar de 12 para 16 t/ha, isso em termos agregados.”* Porque isoladamente esses valores são muito mais estimulantes.

(Lê) *“Mas, em estudos específicos feitos por nós (entrevistando 415 produtores - se encontrou produtividade média de quase 20 t/”ha.)* E, para aquela região, não foi lançada nem sequer uma variedade, provando que a articulação, a informação, a capacitação, a assistência técnica pode contribuir, e muito, para alavancar a produtividade. Não basta um novo insumo.

(Lê) *“Isso foi graças as informações relativas ao sistema de produção, ou seja, ao conhecimento não cristalizado, mas inserido nos sistemas de produção. Há outros indicadores positivos reconhecidos pelos gestores e dirigentes da Coopatan e CFR-PTN.*

Mais recentemente podemos citar também o Reniva” que já foi muito bem falado pelo digníssimo deputado Eduardo Salles, naquela época secretário, que é um entusiasmado por isso e graças a ele pudemos avançar até onde estamos. (Lê) *“que certamente poderá ser um importante aliado para ajudar a cadeia de mandioca a responder a esse aumento de demanda que possa advir da proposta de ampliação de mercado por parte do projeto de adição de fécula de mandioca a farinha de trigo. Isso é imprescindível, pois nós temos que estar atentos em relação à produção, se não houver um aumento de produção poderá o projeto de Lei, por um lado, beneficiar aos atores da cadeia que estão fora do Estado da Bahia o deputado já reconheceu isso (que hoje importa derivados de mandioca - fécula e farinha). E por outro lado prejudicar aos consumidores de farinha - que são os mais pobres - em decorrência dos aumentos de preços, pois não há especificidades no insumo – a raiz pode ser utilizada para farinha ou para fécula. E esse aumento de preço, em razão das características da demanda de farinha é mais que proporcional a redução da oferta de raízes para a produção de farinha.”*

É só verificarmos pequenas variações que têm ocorrido, ultimamente, no mercado em relação à oferta de raízes de mandioca e que têm elevado sobremaneira o preço. Então, é muito bem-vindo esse escalonamento proposto pelo projeto para que a cadeia possa se azeitar – copiando o adjetivo empregado pelo deputado –. Porque, se não tiver uma contrapartida em termos de oferta, podemos causar problemas inclusive para os mais pobres, no caso da Bahia.

(Lê) *“Para finalizar a criação de um novo mercado, se não for para resolver o problema de algum excedente existente têm que ser acompanhado para uma nova ordem para alavancar a produção.*

Eu sou otimista, espero que isso possa acontecer, mas dependerá dos atores da cadeia e de uma forte contribuição/apoio do Estado, para compensar o débito

histórico que a sociedade brasileira tem com a cadeia de mandioca.

Muito obrigado.”(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Quero agradecer as palavras do nosso amigo Carlos Estevão, pesquisador, e passar a palavra para Joselito Mota, que vai fazer uma explanação um pouco maior, vai dar uma geral sobre toda essa questão da fécula da mandioca no pão, as pesquisas e tudo mais. Tem um padeiro famoso de Cruz das Almas, Toni, que veio com a gente e está servindo na entrada da Assembleia o pão que ele fez hoje pela manhã com 10% de fécula de mandioca. Esse pão foi feito na madrugada em Cruz das Almas e veio para cá hoje.

Depois, vamos poder, também, ouvir alguns depoimentos e passar a palavra à Mesa logo após a fala de Joselito Mota.

O Sr. JOSELITO MOTA:- Bom-dia! Gostaria, inicialmente, de cumprimentar o deputado Eduardo Salles e, em nome dele, toda a Mesa desta solenidade especial, desta sessão de valorização da mandioca, seguramente o maior patrimônio alimentar do mundo tropical. Uma riqueza ainda muito pouco conhecida.

Mas quero cumprimentar, também, todos os presentes, o público em geral, os deputados e os assessores, assim como também os parlamentares que estão em seus gabinetes e pessoas que estão distantes deste evento, pois estão através da rede e estão em várias partes do Brasil acompanhando este momento.

Eu trouxe, somente, como ilustração. Aliás, a minha vida profissional foi pautada dentro da transferência de tecnologias. Sou um pesquisador e me dedico a difundir, pelo Brasil e pelo mundo, esta cultura que tenho como paixão de trabalho. Nas asas da minha empresa, a águia, que é a Embrapa, eu vou enchendo o conhecimento, que este Brasil tão extraordinário oferece, em minha mochila e em um embornal para assemelhar, na prosa, aos agricultores familiares.

Trago, aqui, coisas simples de valor onde, também, está sendo feita a sua indicação geográfica que é a nossa autêntica farinha de copioba do Recôncavo Baiano, que foi o primitivo. Segundo Câmara Cascudo, a farinha de mandioca foi o basalto, o fundamental, a provisão ou o recurso que permitiu o desbravamento do nosso território se tornar mais curto. Para muitos historiadores, seria praticamente impossível o desbravamento do Brasil se não existisse a farinha de mandioca.

Gostaria de fazer uma menção mais direta ao objeto da solicitação do deputado. E eu me sinto muito feliz com isso e à vontade de estar, mais uma vez, nesta tribuna como estive, também, em Mato Grosso do Sul e em Aracaju nas Assembleias Legislativas; assim como também estive presente a algumas sessões especiais na Câmara dos Deputados, seja do projeto do deputado Aldo Rebelo, seja do projeto de Elcione Barbalho que, ainda, tramitam com o nome de *Pão Brasileiro*.

Quero fazer uma retificação, qual seja, o projeto original de Elcione Barbalho foi engavetado e guardado pelo relator e deputado Moacir Micheletto, de saudosa memória. Este último já faleceu há algum tempo em um acidente no Paraná. Mas não

existia suporte para continuar e, assim, o projeto de lei foi arquivado.

O deputado Aldo Rebelo retirou o referido projeto de lei, foi reapresentado e tramitou em todos os espaços, seja como relator na Câmara dos Deputados ou com Nilson Mourão do PT do Acre ou por Flávio Arnes no Senado, também do PT, seja pela Comissão de Justiça, Defesa do Consumidor, Conselho de Assuntos Econômicos, que tinha à frente Aloizio Mercadante. E o projeto seguiu tendo 30 dias para ser sancionado.

Como mandioqueiro, eu me sinto, realmente, de certa forma, triste, porque, em uma das primeiras entrevistas do ex-presidente Lula, ele dizia que as coisas que ele mais gostava eram o microfone e a tapioca. Aí, eu disse “puxa”, porque este projeto vai seguir. Achei que o projeto fosse andar. Mas, ao fim, como disse o deputado, o *lobby* do trigo impediu a sua tramitação.

Eu acionei um amigo, um jornalista baiano, honra para esta Casa e para toda a Bahia, Sebastião Nery. Ele, rápido no gatilho, logo acionou e fez a crônica “*Quem é o Chinês?*”. Então, ele descobriu que o *lobby* do trigo pressionou diretamente o projeto de lei que poderia ser sancionado. No último dia, voltaria ao Senado e teria autonomia. Mas, infelizmente, tal projeto de lei foi vetado.

Pouco tempo depois, o referido projeto de lei foi reapresentado por Elcione Barbalho. Vejam, um ano e meio depois de vetado o projeto, a Abip (Associação Brasileira da Indústria de Panificação e Confeitaria), o Propan (Programa de Desenvolvimento da Alimentação, Confeitaria e Panificação), o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e eu, representando a Embrapa, participamos de reuniões em Brasília.

E eu trago aqui o portfólio elaborado pela Abip que está, naturalmente, com os símbolos do Sebrae, do Senai, da Abip, do Propan. Este portfólio diz sobre o *Pão Brasileiro*, pois este era o nome para este projeto a fim de fazer um pão de duas pestanas e tece elogios.

Isso aqui é uma representação tácita de que, no plano técnico, é, perfeitamente, compatível a associação do mais nobre dos cereais com um produto tupiniquim como é o caso da mandioca. Então, dessa aproximação, vocês teriam o pão brasileiro.

Este pão seria lançado no Palácio do Planalto e era um pão com duas pestanas e usava a fécula da mandioca na mesma associação em torno de 10%.

Mas, infelizmente, a assessoria da deputada Elcione Barbalho reapresentou o projeto com este mesmo nome. E quando foi reapresentado pela deputada Elcione Barbalho é como se a Abip e o Propan estivessem legitimando o projeto, porque o gargalo e o problema estão na obrigatoriedade.

Não há um panificador ou um proprietário de delicatessen que possa dizer e provar que o pão com fécula é inferior a um pão somente de trigo. A associação é perfeita.

Desde 2001, eu falo sobre este assunto. Eu passei por 19 Estados da Federação fazendo palestras, fazendo degustações e ouvindo pessoas. Foram mais de 4.700 em 19 Estados. Todos legitimaram o produto. E quando diziam alguma coisa, dizia-se

não haver diferença. Mas aquele provador, com mais acuidade no paladar, sentia e dizia: “Este pão é melhor.”

Hoje, aqui na Assembleia, muitos testemunharam isso.

Então, não há questão. Por quê? Vejam, quando você usa, é preciso, primeiro, haver uma compreensão do que é a questão do trigo como produto para panificação.

Em minha trajetória na Embrapa, eu utilizei a comunicação como instrumento para levar informações do trabalho da Embrapa, particularmente, em relação à mandioca.

Aliás, quero fazer um registro, porque hoje é um dia especial para mim, deputado. Hoje é o dia 28 de abril de 2016 e estou completando 40 anos de ingresso na Embrapa. Entrei em 28 de abril de 1976 na unidade de Aracaju. (Palmas)

Utilizo os meios de comunicação para, justamente, divulgar isso. Tenho este hábito de chegar e mostrar, pois é preciso que a gente compreenda.

O que é o trigo? É um produto histórico ao longo dos anos, pois desde a Santa Ceia já se falava sobre ele. Há a parábola do joio e do trigo. Logo, este é um alimento milenar.

Mas o trigo, infelizmente, entrou no Brasil onde havia e há a riqueza de carboidratos. Então, no Brasil, não havia espaço para que o País se tornasse tão dependente do trigo. E quanto aqueles que fazem a oração universal, na hora em que chegam na segunda etapa, qual seja, “o pão nosso de cada dia”, eles não estão imaginando o arroz e o feijão que comem, mas o pão da sua panificadora preferida.

Então, o brasileiro se tornou dependente deste carboidrato. E, hoje, infelizmente para o trigo, ele está no banco dos réus. Por quê? Porque o trigo contém glúten. Este é uma proteína para a indústria de panificação e é, extremamente, importante. O glúten é uma proteína de difícil digestão; portanto, não é favorável ao nosso organismo.

No entanto, a mandioca começa a ocupar, também, um espaço através da tapioca.

Você chega de lá e pergunta: como se comeu sempre trigo e nunca houve isso?

Os estudos apontam que não houve um estudo paralelo entre a parte genética de modificações, aumento de produtividade, adaptação às condições de solo e de clima com a questão alimentar.

Então eles tomaram caminhos diferentes.

Da época de Cristo até hoje, o trigo aumentou o seu consumo em mais de 20 vezes o seu teor, segundo os estudiosos.

Mas vamos desprezar esse lado.

Vamos nos voltar sobre quem é o glúten para a panificação. O glúten é uma proteína responsável na panificação para formar uma rede para impedir a saída dos gases. Na hora em que você faz a massa, o glúten entra, pois quem determina a força do trigo e da farinha de trigo é o teor de glúten.

Você importa, hoje, trigo que vem com 14% de glúten do Canadá. Então, o pão

francês, o carro-chefe da panificação, não precisa de mais que 8 ou 9% de glúten. Então, você dilui. E a fécula, no caso, dilui o glúten.

E os trabalhos iniciais foram feitos em 2001 quando aconteceu a amostra no Espaço Cultural da Câmara dos Deputados, quando foi mostrado por um pesquisador do Ital, em Campinas, El-Dash, o uso da farinha de raspa de mandioca, da raiz desintegrada e desidratada ao sol, como se fosse uma farinha crua. Ele usou as farinhas mistas de milho, soja e mandioca para diminuir a importação de trigo.

Os resultados foram considerados bons por ele. Mas ele sinalizava que se o Brasil um dia viesse a produzir fécula os resultados seriam bem superiores.

E nós iniciamos o trabalho de validação dessa tecnologia em Cruz das Almas. O nosso entusiasmo foi crescente ao ouvir o consumidor dizer que era melhor.

O Brasil, hoje, importa mais de 80%, em torno disso, de trigo. São mais de 2 bilhões de dólares que sangram a economia do Brasil com a importação de trigo, quando temos um produto compatível, que está em todo o território brasileiro, em particular na Bahia, que é o terceiro maior produtor de raízes.

Então, quando é usado somente o trigo para fazer o pão, ele tem uma característica, mas quando a fécula é usada, ela age como desenvolvedor do glúten. O pão fica mais liso externamente, e a pestana, que é o talho do pão, torna-se mais suave. Quando se abre o pão, a massa é mais uniforme e consistente. Não é o pão oco que, ao ser cortado com a faca, o miolo vai junto, puxa para um lado, e não se consegue colocar a manteiga. Tira-se o miolo e vai mesmo oco.

O pão fica mais uniforme e consistente, não emborracha ou endurece no dia seguinte. E é mais alvo, porque a fécula é extraída. O trigo é moído, e ele é um pouco pardo. Quando a fécula é usada, mesmo no nível de 10%... Digo 10%, mas poderia chegar a mais, porque a farinha de trigo tem variações no teor de glúten.

Em 2001, Joselito, com sua paixão pelo trabalho, acordava de madrugada para ir acompanhar de perto com ele lá, não é Toni? O primeiro pão que ele fez, com 20%, saiu muito bom, com a farinha Medalha de Ouro, do Ceará. Depois, fizemos com a Suprema, de Ilhéus, e a Sarandy, de Sergipe. Então, verificamos que havia variações. Baixamos para 15%, depois, chegamos a dizer que o limite para pegar qualquer farinha é de 10%. Mas pode chegar a 15%, 20%. E pode subir se for de massa doce. Se for para massa de pizza, pode chegar a 40%.

Esse pão está proposto como um projeto de lei pelo deputado Eduardo Salles. Está submetido à apreciação dos deputados, que precisam conhecer e avaliar.

No meu entendimento, no plano da avaliação de tecnologia, não há dúvida para mim, porque fiz isso, e quem legitimou... Nem como mais pão, para ver se melhoram as dores articulares que sinto.

Ando pelo Brasil. Sou o guru, às vezes, de muitas mulheres que são portadoras de enxaqueca, e digo-lhes para fazerem o teste. Inclusive, afasta a diabetes tipo 2.

Não quero dizer que todo trigo, que as cepas do trigo que estão na Itália, em outros locais, as que foram preservadas, são ruins. Mas o trigo que procede do avanço tecnológico, hoje, precisa.

Quem legitima isso é William Davis, que escreveu um livro que ficou na lista *dos best sellers* do *New York Times* por 50 semanas, chamado “Barriga de Trigo”. Pode ser localizado na internet e se ver o depoimento dele.

Faço apologia à mandioca porque é a raiz do Brasil. É um produto que precisa ser mais conhecido e reconhecido. A sociedade brasileira precisa valorizar mais esse patrimônio. Não podemos esperar que o mundo externo diga que a mandioca é especial para podermos bater o carimbo: se disseram lá que é bom, é bom aqui! Temos que sair na frente.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Grande amigo, entusiasta. Percebe-se o entusiasmo quando ele fala. É grande conhecedor, uma pessoa que, realmente, tem uma história de vida ligada a isso. Com isso, sem dúvida, dá-nos a garantia de tudo que foi falado.

Mais tarde, quero um depoimento de Toni, que está ali, à frente.

Agora, Joselito, você retornando do púlpito, gostaria de te entregar uma singela lembrança do seu amigo, deputado estadual, proponente desta sessão especial. Mande fazer uma placa.

O deputado Soldado Prisco, amigo, presente na área conosco. Muito obrigado pela presença, Soldado Prisco. O Soldado Prisco é um representante legítimo dos policiais da nossa terra, tem feito um trabalho muito importante na Assembleia.

Quero ler rapidamente para Joselito a placa:

(Lê) “A Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, por meio do deputado estadual Eduardo Salles, homenageia o Sr. Joselito Mota pelos relevantes serviços prestados ao desenvolvimento da cadeia produtiva da mandioca no Brasil.”

Não coloquei na Bahia, mas no Brasil, porque não é só a Bahia que se beneficia dos trabalhos dele.

(Lê) “Salvador, 28 de abril de 2016.

Eduardo Salles, parlamentar, proponente da sessão especial em homenagem à cadeia produtiva da mandioca no Estado da Bahia.”

Quero, junto com os secretários Manuel Mendonça e Vitor Bonfim, fazer a entrega ao nosso querido Joselito Mota, que é o nosso baluarte da mandiocultura, juntamente com Estevão e outros tantos, outros amigos que até já se foram, representantes da EBDA que trabalharam conosco nessa Câmara da Mandioca, na câmara setorial que foi criada durante o nosso período.

Quero aproveitar para todos nós entregarmos ao nosso querido Joselito. (Palmas)

(É feita a entrega da placa ao Sr. Joselito Matos.)

Grande vereador Joceval, amigo querido de longas datas, que se destaca dentro da Câmara de Salvador, tem um potencial muito grande para, quem sabe, um dia

estarmos, aqui, vendo-o em outros voos maiores. Um abraço grande, Joceval.

Quer ir para Brasília, Vítor Bonfim está dizendo. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Quero passar a palavra ao nosso querido amigo Marcelo Matos, com quem eu tive a oportunidade de trabalhar durante muitos anos. Fez um trabalho excepcional em nossa EBDA. Hoje, está junto com o secretário Jerônimo, e neste ato representa o secretário.

Quero dar 3 minutos para cada um dos membros da Mesa. Se possível, não nos estendamos, para podermos ouvir as pessoas que querem se pronunciar.

O Sr. Marcelo Matos:- Bom-dia a todos e a todas.

Gostaria de saudar a Mesa na pessoa do deputado Eduardo Salles, proponente desta sessão especial e autor do projeto de lei tão relevante para a agricultura baiana e, mais especificamente, para a agricultura familiar; saudar todos os agricultores presentes, técnicos, parlamentares, secretários da Agricultura, prefeitos, todas as pessoas.

Inicialmente, justifico que o nosso secretário Jerônimo Rodrigues está ausente em função de ter uma agenda previamente marcada. Mas ele acompanha e monitora o que está acontecendo.

Quero dizer da nossa satisfação e parabenizar o deputado Eduardo Salles pela iniciativa.

A cadeia produtiva da mandioca, principalmente a parte de dentro da porteira, ligada à produção da mandioca no Estado da Bahia, o grosso da produção está na mão da agricultura familiar. Em estados como o Paraná, por exemplo, a mandioca é cultivada mais de forma empresarial por médios e grandes produtores e empresas, mas aqui na Bahia, nós que conhecemos a realidade da agricultura familiar sabemos que ela ocorre em todos os 417 municípios do Estado, e que quem cultiva essa cultura é a agricultura familiar. Ela é muito importante do ponto de vista da segurança alimentar, das famílias, da produção de alimentos, da geração de renda para a agricultura familiar.

Assim como mencionou o deputado, nós, na SDR, em parceria com a Seagri, estamos tocando o projeto Reniva, de iniciativa de Embrapa, projeto de recuperação, de limpeza do material genético das manivas de mandioca utilizadas para a propagação, para o plantio da cultura no Estado da Bahia.

Estamos apoiando, em parceria com a Seagri, que tem o contrato de gestão com o Instituto Biofábrica, cujo representante encontra-se nesta Mesa, através do repasse dos recursos para produção de mudas de fruteiras de essências nativas e também para produção das mudas de mandioca.

Finalizando, também estamos em parceria com a CAR, Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional. Só no ano passado liberamos recursos para implementação de 32 maniveiros, como bem mencionou o deputado. Os maniveiros são agricultores selecionados para propagação desse material que sai do Instituto Biofábrica. Esse material fez um caminho, os agricultores mandaram do campo, passou pela Embrapa, que fez a limpeza de doenças desse material, mandou esse

material para o Instituto Biofábrica, que propagou esse material, que agora está voltando para as regiões de origem para ser multiplicado e distribuído aos agricultores livre de doenças que atrapalharam o desenvolvimento da cultura.

Meu tempo já se esgotou. Agradeço e o parabenizo, deputado, pela iniciativa. Espero que consigamos avançar realmente na implementação desse projeto no Estado da Bahia. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Obrigado, Marcelo. O nosso secretário precisa sair, pois tem agora o conselho do Fundese. Eu estava tentando segurá-lo mais um pouco, mas vou ter que passar a palavra para o nosso secretário Vítor Bonfim, pois ele terá de se ausentar para ir ao conselho.

Passo a palavra para o meu colega, deputado estadual, e agora secretário. Foi meu presidente na Comissão de Agricultura, eu que sou membro desta comissão nesta Casa, e sou um dos quatro membros da Subcomissão de Agricultura Familiar, onde tivemos o seu comando durante o ano passado.

O Sr. VÍTOR BONFIM:- Bom-dia, deputado Eduardo Salles e a todos que estão presentes conosco nesta manhã. Vim à tribuna para matar a saudade, já que estou afastado da Casa há quase 5 meses, desde que tive a honrosa e difícil missão de substituir o deputado Eduardo Salles frente a Secretaria de Agricultura do Estado da Bahia.

Quero, inicialmente, saudá-lo e parabenizá-lo por essa iniciativa. A retomada desse projeto de lei, sem dúvida nenhuma, será um marco determinante para a cadeia produtiva da mandioca no Estado da Bahia.

Nós, ao longo dos últimos 10 anos, vimos a área plantada da mandioca diminuir sensivelmente e, por via de consequência, a produção também cair. Com a garantia de mercado para esse produto, não tenho dúvida nenhuma que daremos uma reviravolta na cadeia produtiva, para que realmente todos os municípios do Estado da Bahia, já que a mandioca tem condição de ser produzida nos 417 municípios, possam produzir a fécula, a farinha de mandioca, esse produto que é muito importante e de muito valor para a alimentação do nordestino e do brasileiro de uma forma geral. Parabéns a Eduardo Salles, proponente desta sessão.

Não tenho dúvida nenhuma de que, com o avanço que a Assembleia Legislativa da Bahia proporcionou com a presidência do deputado Marcelo Nilo, colocando projetos de lei de autoria dos deputados para serem votados, V.Ex^a articulará bem isso aí para, dentro em breve, esse projeto de lei que, no passado, foi proposto pelo deputado federal Mário Negromonte Júnior, sei que na época V. Ex^a era secretário da Agricultura e colaborou para que o deputado Mário pudesse apresentar essa proposta, e agora, com a sua vinda para o parlamento, retoma esse projeto e vai saber fazer ele andar nesta Casa e que possamos depois de aprovado fazer uma grande festa.

Quero saudar o secretário de Ciência Tecnologia e Inovação Manoel Mendonça; o superintendente da Agricultura Familiar Marcelo Matos; o Superintende

federal, substituto do Mapa, Paulo Roberto de Oliveira Reis e Silva; o Sr. Superintendente e representante do diretor-geral da CAR Leandro, estivemos juntos na semana passada no município de Ipiaú – está aqui o ex-prefeito José Mendonça conosco nesta manhã, participando do primeiro festival do Chocolate, e a terceira Agro Cacao, um evento importante para aquela região, para aquele município. Quero saudar o chefe-geral substituto da Embrapa Mandioca Carlos Estevão Leite Cardoso; o pesquisador da Embrapa Joselito, parabéns, Joselito, pelo trabalho que você vem desempenhando frente à Embrapa nos últimos 40 anos. Deve ter entrado como menor aprendiz na Embrapa, já que tem 40 anos já na empresa, entrou com 14, 15 anos para ter tanto tempo de empresa.

Quero saudar o meu amigo Almeida, diretor-geral do Instituto Biofábrica, que tem uma difícil missão de retomar a Biofábrica. É um equipamento importantíssimo e fundamental para a agricultura baiana de uma forma geral, não só para a lavoura cacaueira, mas também para a fruticultura do Estado, para a cadeia produtiva da mandioca, pois os resultados que a Biofábrica apresenta em parceria com a Embrapa, com a CAR e com a SDR são resultados expressivos.

A Reniva, deputado Eduardo Salles, V. Ex^a sabe muito bem disso, é preciso aproveitar a oportunidade aqui e levar ao conhecimento de todos, as mudas de mandioca que são da Biofábrica para os reniveiros, já no primeiro ano, normalmente não era para ter raiz, mas com o material de qualidade já se produz raiz no primeiro ano. É um resultado realmente impressionante, mostrando a qualidade genética do produto que sai da Biofábrica. Obviamente graças ao trabalho desenvolvido pela Embrapa e essa parceria com a Biofábrica, a gente espera aprofundar ainda mais essa parceria, levar para a cultura da banana e outros produtos, expandindo a fruticultura no Estado.

O setor agrícola responde bem e reponde rápido aos momentos de crise como esse que o Brasil atravessa, mas o setor agrícola vem conseguindo sofrer menos com a crise. Apesar da retração na nossa economia, o PIB do agronegócio cresceu um pouco mais de 1,5% no ano passado. Sabemos que o agronegócio responde ainda mais com o câmbio nos favorecendo e nós queremos estreitar essa parceria para poder ver o agricultor familiar, o pequeno produtor do Estado da Bahia tendo em sua propriedade uma planta com qualidade que vai gerar um ótimo rendimento, uma alta produtividade, a fim de que ele sinta cada vez mais estimulado e acredite que mesmo com a nossa pouca chuva, já que a Bahia está quase toda no semiárido que a gente possa produzir uma grande quantidade de mandioca por hectare.

Quero saudar ainda o presidente da Câmara Setorial da Mandioca Izaltier Rodrigues Gomes; a Sr^a Presidente da Cooperativa das Mulheres da Agricultura Familiar de Sapeaçu Cecília Lima dos Santos; e o Sr. Presidente executivo da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes Luís Henrique do Amaral.

Deputado, a Seagri é parceira onde V. Ex^a quiser promover e defender esse projeto de lei convoque-a, porque estaremos juntos defendendo essa ideia, esse objetivo.

Nós sabemos, como Joselito falou nesta tribuna, do lobby contrário que existe a

esse projeto de lei. Temos que ter a altivez, coragem e determinação para enfrentá-lo, e só conseguiremos isso com a realização, a difusão e a disseminação do conhecimento, como estamos fazendo aqui na manhã de hoje.

Parabéns a V.Ex^a e a todos que estão nesta Casa conosco nesta quinta-feira, demonstrando confiança e apoiando essa iniciativa.

A Secretaria da Agricultura, sem dúvida nenhuma, vai ser parceira desse projeto de lei. No momento em que V.Ex^a precisar, basta nos convocar, que estaremos juntos nesta luta para vermos, se Deus quiser, ainda este ano, esse projeto se transformar em lei realmente, com a sanção do nosso governador Rui Costa. Não tenho dúvida nenhuma de que a Assembleia aprovando-o, S.Ex^a o sancionará, sim! Vai enfrentar a resistência de alguns determinados setores, porque o governador é um homem de coragem, pulso e determinação que está à frente do governo para defender o interesse maior, que é o do povo baiano.

Bom-dia a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Obrigado, secretário Vítor Bonfim.

Com esse aval, vocês tenham certeza - temos 63 deputados na Casa -, ele aí já levou 40 votos pelo menos, porque é carismático e tem uma consideração muito grande também dos demais parlamentares.

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Concedo a palavra ao nosso querido presidente da Abrasel/BA, Luís Henrique.

Vou levar, Luís, o secretário na porta. Você inicia sua fala, que eu retorno em um segundo.

O Sr. LUÍS HENRIQUE:- Bom-dia a todos.

Gostaria de cumprimentar o presidente desta audiência pública, deputado Eduardo Salles, que é um parceiro antigo da Abrasel, Associação Brasileira de Bares e Restaurantes. Através dele, prolongo minha saudação a toda a Mesa e todos da plenária.

De antemão, quero parabenizar Joselito. Nós já estivemos juntos em alguns momentos realizando algumas coisas, sempre com o mercado da mandioca. O nosso querido Jeandro, da SDR, também é um parceiro das antigas, assim como a Secretaria da Agricultura, com a qual tivemos um amplo relacionamento de discussão.

A Abrasel, como ponta de mercado e um dos utilizadores desse processo, tem acompanhando muito essa iniciativa de estarmos próximos à chamada agricultura familiar. Essa hoje é, sem dúvida, toda a direção da gastronomia mundial, que se dá através da valorização dos produtos de agricultura familiar. Esse é um rumo, uma parceria que nós já estamos desenvolvendo há algum tempo, esbarrando em diversas dificuldades práticas do dia a dia que são naturais e normais. Mas vimos enfrentando-as há muito tempo.

Porém, sempre com a nossa visão de empreendedores ligados ao mercado de

consumidor final, passamos por outros tipos dificuldades, não é, deputado? Uma delas é sempre a dificuldade do profissionalismo, dos bons produtos, fundamentalmente, porque não basta a nossa intenção de colocá-los ali, pois há de se fazer com que sejam desejados pelos consumidores.

Acho que esses talvez sejam os nossos grandes desafios. O primeiro deles é em relação à produção. O Estado da Bahia é primoroso nesse setor da agricultura familiar, mas sempre temos uma dificuldade no que diz respeito à distribuição da chegada desses produtos, de forma constante e permanente, dentro das nossas atividades de bares e restaurantes. Temos superado isso e estamos encaminhando cada vez mais, nessa parceria de estarmos juntos para identificarmos os gargalos e conseguirmos resolver.

Fundamentalmente a questão passa por essa conquista do público final, como Joselito colocou aqui. Se o pãozinho baiano não for um objeto de desejo do nosso consumidor, todo esse encadeamento não anda, não caminha. De antemão, isso já comprovamos pelo tempo. Desde quando você esteve lá à frente da Secretaria da Agricultura, estivemos realizando n projetos juntos, projetos de responsabilidade social, você nos deu a oportunidade ímpar de realizar um festival gastronômico na China, em Pequim, com produtos da agricultura familiar, que foi um grande desafio, lembra-se. Então essa demonstração da parceria efetiva, não só a parceria do diálogo, mas a parceria da atitude.

E nos colocamos aqui, mais uma vez, com esse desafio do horizonte de conseguir transformar isso, porque não são decretos, não são leis que criam o mercado, efetivamente, no dia a dia do consumo final, e sim, a conquista dele, o desenvolvimento dele. E é muito importante essa ação conjunta para que consigamos fazer – o pãozinho delícia já é um diferencial baiano, quem sabe o pãozinho baiano a gente consiga que tenha essa mesma atração pelo consumidor, que a gente consiga fazer essa cadeia funcionar.

Acho que estamos num caminho importante de desenvolvimento, eu sempre falo que se tivermos na prateleira um produto industrializado e um produto de agricultura familiar nas mesmas condições profissionais de apresentação, de estocagem, de comércio, com certeza ele leva vantagem muito grande porque é objeto de desejo e tem um valor agregado social extremamente grande, porque é uma procura...

Você se lembra muito bem, secretário, que tivemos uma grande aceitação do prêmio que a secretaria instituiu, uma atitude sua de criar o Prêmio de Responsabilidade Social, inclusive por decreto, trazendo isenção de ICMS pela utilização desses produtos em bares e restaurantes. Sem dúvida, esse é um caminho. Mas muito mais importante ainda é ouvir os panificadores, ouvir os moinhos, ouvir toda sequência dessa cadeia para que consigamos, de forma harmônica, desenvolver um projeto produtivo e que seja realmente o desejo do consumidor final. Porque se não houver desejo do consumidor final, ficaremos no campo do sonho e da falta de construção, que é tudo aquilo que não gostaríamos de ver nessas ações.

Então, eu queria colocar aqui a entidade à disposição, como sempre estive,

para que façamos essas conquistas juntos, entendendo os prós e contras de todas as etapas, de todas as formações, mas que consigamos transformar isso e conquistar o pãozinho baiano o universo da panificação dos bares e restaurantes, o caminho está aberto.

De antemão, deputado, peço licença a todos, em virtude de horário, dono de bar e restaurante no horário de meio-dia precisa trabalhar. E peço licença a vocês para sair para a gente incentivar e começar a botar a mão na massa porque está na hora de trabalhar.

Um abraço a todos, sucesso e parabéns.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Luís é um parceiro de todas as horas, ele representa a Abrasel, na verdade, representa também as panificadoras, conversávamos com o ex-presidente das panificadoras, mostrei o projeto a ele para ver se tinha alguma coisa a acrescentar ou não, presidente licenciado do Sindicato das Panificadoras, e o Luís sempre foi um parceiro de todas as horas para que fizéssemos esse trabalho da agricultura familiar, o Jeandro, a turma da Suaf já fazia. E esse prêmio nosso me inspirou a colocar nesta lei também, Jeandro, esse selo de responsabilidade social, porque temos um prato para cada bar ou restaurante de Salvador, da Bahia, que comprasse ao menos R\$5.000,00, comprovado com nota fiscal, durante o ano, com produtos vindos da agricultura familiar.

Então, hoje entramos no restaurante Amado, que é um dos restaurantes mais famosos de Salvador, e dois anos seguidos ele ganhou um prato que tem lá o desenho da agricultura familiar e tem vários prêmios por melhor comida, mas também tem um prêmio por responsabilidade social.

Então foi isso que colocamos neste projeto agora, quem quiser antecipar isso, e também todas as panificadoras que tiverem isso aí, terão também um certificado dado pela SDR, o Marcelo aqui está substituindo o secretário, mas assinado pelo secretário dizendo que aquela padaria cumpre uma lei – já é lei –, e tem um certificado de responsabilidade social. Luís foi muito importante, nesse nosso período, na Secretaria, porque fizemos essas parcerias de mostrar, levar a agricultura familiar, por meio das degustações, para os diversos cantos da Bahia.

Agradeço-lhe, Luís, a presença. Deixo um abraço para Florêncio e para Mário Pithon, que, apesar de não estarem aqui, você os representa muito bem, assim como o nosso diretor do sindicato.

Um abraço, obrigado.

Quero continuar passando a palavra para as pessoas da Mesa, restringindo-nos a 3 minutos de fala.

Com a palavra o nosso superintendente e querido amigo de longas datas, Paulo Reis, eterno ministro da Agricultura, que representa a ministra da Agricultura neste ato.

O Sr. PAULO REIS:- Bom-dia a todos. Excelentíssimo deputado e amigo Eduardo Salles, por meio de V.Ex^a cumprimento os demais componentes desta Mesa, a Superintendência Federal de Agricultura do Ministério da Agricultura da Bahia, comparece a esta sessão especial na Assembleia Legislativa, para parabenizá-lo pela sua iniciativa de apresentar a esta Casa, este projeto de lei que, gradativamente, substitui a farinha de trigo pela fécula de mandioca.

Ouvimos dos colegas da Embrapa, Esteves e Joselito, a importância e a versatilidade da mandioca, uma planta genuinamente brasileira, e das suas múltiplas utilidades. Então, nós sabemos que a mandioca é cultivada no Brasil inteiro, a mandioca é cultivada nos 417 municípios do Estado da Bahia, mas, quando vamos ver os números dessa planta espetacular, estamos muito a desejar, principalmente no nosso Estado. E olha que ao longo do tempo, se corrigiu muito em termos de material botânico de qualidade com o serviço exemplar da Embrapa, casada com a nossa Seagri. E nós da superintendência, participando da Câmara Setorial da Mandioca no nosso Estado, atuamos, deputado, de uma maneira muito decisiva junto com o projeto Reniva nessa distribuição de manivas, no fim do ano passado, quando das consequências da seca no Estado da Bahia inteiro. Então, houve uma necessidade de uma distribuição massiva das manivas para os maniveiros, em vários municípios baianos. Estivemos ao lado dos demais componentes, transportando material da nossa biofábrica de Ilhéus para muitos municípios.

Como a campanha já tocou, quero parabenizá-lo por essa iniciativa, e tenho certeza de que seus pares aqui na Assembleia, irão todos fechar e votar com essa iniciativa exemplar de V.Ex^a.

Um grande abraço. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Muito obrigado, Paulo Reis.

Volto a dizer a vocês: de todo superintendente que entra – ele foi superintendente durante vários anos – no Ministério, ele é o baluarte com quem todo mundo vai junto tocando a gestão. Então, hoje temos o João, que está como superintendente, e, na verdade, conta com o braço direito dele, Paulo Reis, lá no Ministério, tocando e ajudando nessa caminhada.

Quero passar a palavra agora para Jeandro, que é o nosso superintendente da CAR, um órgão de fundamental importância para o desenvolvimento da Bahia, para o desenvolvimento da agropecuária baiana e, sem dúvida alguma, tem uma equipe hoje com serviços prestados, um trabalho... Tive a oportunidade de trabalhar com Jeandro e com Wilson lá na Superintendência da Agricultura Familiar. Nós trabalhamos durante muitos anos e eu sei que o pensamento deles é um pensamento grandioso para que possamos avançar na agropecuária com sustentabilidade em cada canto.

Então, com esse olhar de mudarmos um pouco a vida dessa turma do campo, sem dúvida alguma, o trabalho que eles fizeram na Suaf - Superintendência de Agricultura Familiar, junto com a EBDA – que teve um papel preponderante nisso aí,

sem dúvida alguma –, das embalagens, de profissionalizar os produtos da agricultura familiar, vai ter um alcance a médio prazo, vocês vão ver como vai ser, que é uma coisa importantíssima.

Tive a oportunidade, com ele, de inaugurar... Está aqui o nosso diretor da Coopasub. O presidente era Izaltiene – não era, Izaltiene? – quando fui inaugurar a Coopasub, um investimento de R\$ 17 milhões, com recursos do Banco do Brasil. Sem dúvida alguma, vamos ter um futuro muito importante com essa fecularia da mandioca.

E a CAR vai ter um papel fundamental nessas pequenas fecularias, de profissionalizar essas pequenas fecularias para que elas possam entrar no mercado de uma forma mais estruturante para essa agricultura familiar.

Então, queria passar a palavra para Jeandro, o nosso superintendente da CAR.

O Sr. JEANDRO LAYTYNHER RIBEIRO:- Bom-dia ainda.

Não tive o privilégio como o professor, aqui, de comer um taquinho de farinha, como se gosta de dizer na roça. Então, é bom-dia ainda. Vi ele pegando um taquinho de farinha aqui e botando na boca (risos). É bom demais!

Deputado Eduardo, membros da Mesa, realmente, é um dia para celebrarmos, um dia importante. Acho que não existe outro produto no Estado da Bahia que tenha tanta capilaridade, que esteja espalhado pelos quatro cantos da Bahia, sobretudo no ambiente nosso, da agricultura familiar.

E quando vemos um projeto de lei desse ficamos muito contentes. E coloco claramente para todos que a CAR, órgão vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Rural, vai abrir possibilidades importantes, ampliar as possibilidades existentes para a cadeia produtiva da mandioca.

Fizemos no mês passado, na Embrapa de Cruz das Almas, com Estevão, uma oficina sobre mandiocultura. E essa oficina, Estevão, está-nos norteando a abrir o nosso edital, o nosso grande projeto, hoje, na CAR que tem investimento para os próximos 5 anos na ordem de quase R\$ 1 bilhão.

Então, para a mandiocultura, agora, nesse próximo edital ofertaremos a possibilidade de R\$ 20 milhões em apoio a projetos produtivos. Envolve todo o sistema de produção. Não estamos falando só de agroindústria e, sim, de todo o sistema de produção, de investimentos dentro e fora da porteira. A CAR se está integrando aos diversos investimentos voltados para a cadeia produtiva da mandiocultura.

Mas queria dar um destaque, já falando um pouquinho mais do lado do consumidor...

Ainda tenho o vício de chamar você de secretário. Você foi tão próximo. Era chefe de gabinete, e eu só vivia perturbando ele lá. Eu era diretor da Suaf e ele era chefe de gabinete e eu só ficava perturbando ele lá. Depois, ele virou secretário, ficou um pouquinho mais distante, mas continuou muito solícito a todas as demandas que apresentávamos a partir da Suaf. E ainda tenho o costume de o chamar de secretário pelo trabalho que desempenhou.

Mas queria chamar a atenção para dois detalhes que acho importantes, Eduardo, nessa sua missão de aprovar essa importante lei para nós. Primeiro, temos um bom exemplo de uma associação com a iniciativa privada, que foi um *baby-board* que pode ser um argumento seu na questão da farinha. A gente concedeu o *baby-board*, o SIPAF - Selo de Identificação da Participação da Agricultura Familiar, o qual tem crédito presumido 100% de ICMS.

Então, para os empresários do setor de panificação ou dos produtos que utilizam a farinha de trigo pode-se utilizar esse argumento: você comprando os produtos de origem da agricultura familiar, derivados da mandioca, que sejam incluídos no seu cardápio, podem também receber esse benefício.

E o segundo é – o professor falou muito bem, finalizou com isso – o grande mérito da mandiocultura hoje, dos produtos derivados da mandioca, que é a questão da saúde. Estamos ganhando com o chocolate, expandiu-se muito o consumo dele em função disso. E a mandioca não fica atrás. Se associarmos esse argumento de que utilizar a fécula em sua composição não vai desrespeitar as características do pão tradicional, vai melhorar, certamente teremos sucesso.

Deixo mais uma vez o nosso reconhecimento ao seu trabalho aqui, no Legislativo, e damos total apoio a essa importante lei que vem valorizar, sobretudo, o produto que está no ambiente da agricultura familiar.

Um abraço a todos, e obrigado pela oportunidade.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Passo a palavra ao Sr. Izaltiene, presidente da Câmara Setorial da Mandioca.

Também durante a nossa gestão criamos 22 câmaras setoriais. E a câmara setorial da mandiocultura foi quem nos provocou em relação à questão do Projeto Reniva, para fazermos essa parceria com a Embrapa e colocar recursos para trabalhar isso. Então, a Câmara Setorial da Mandioca, sem dúvida, das 22, foi uma das mais funcionais, que mais atuou e vem atuando nesse processo. É, sem dúvida alguma, muito importante.

Quero deixar um abraço ao deputado Aderbal Fulco Caldas, que estava aqui, que representa a região de Itapicuru e Olindina; ao nosso amigo Júnior, de Nazaré das Farinhas. Olha aí o homem de Nazaré das Farinhas chegando. Temos que cumprimentar o amigo querido, que é um representante legítimo, defensor de Nazaré, por toda a cultura e por tudo que tem acontecido em Nazaré. Parabéns, Júnior.

Passo a palavra ao meu amigo Izaltiene, presidente da câmara setorial da mandiocultura no Estado da Bahia.

O Sr. IZALTIENE:- Bom-dia aos mandioqueiros e às mandioqueiras.

Quero, em primeiro lugar, agradecer a Deus pela oportunidade de participar desta discussão; parabenizar o deputado Eduardo Salles, não só por essa audiência, mas por todo o trabalho que ele tem desenvolvido desde 2009, quando começamos a discutir sobre a mandioca; e dizer a vocês que, para mim, é uma honra participar desta

Mesa.

Primeiro, porque temos aqui vários companheiros que são criados com farinha de mandioca, com pirão de mandioca, como diz Joselito, e muitas pessoas que dedicam a vida também à mandioca, como é o caso de Estevão, que se dedica, estuda o tempo todo à questão da mandioca, o professor Joselito, o companheiro Marcelo, Jeandro, Paulo Reis. Temos na plateia Bosco, Osvaldo, Adenildo, da Fundação José Carvalho, Ermínio, da Embrapa, os companheiros da Coopamido, Cecília, Elka, Lanns, que também está nos ajudando.

Quero dizer a todos esses companheiros e a essas pessoas que as dificuldades que temos enfrentado com o período da seca vamos conseguir superar.

Tem o Dorival, da Coopasub. Não posso deixar de falar do companheiro também, senão quando chegar lá vou apanhar.

Quero dizer a vocês que mesmo com muita dificuldade a mandioca apresenta essa versatilidade que já foi colocada por Joselito e por Estevão.

Primeiro, a versatilidade de produtos. Você produz da mandioca vários produtos que podem ser utilizados na culinária, mas também na indústria, em vários setores, que podem ser utilizados no dia a dia.

E a capacidade de adaptação que a mandioca tem. Normalmente, nas propriedades, as pessoas costumam escolher as áreas mais ruins para produzir mandioca porque acham que naquela área a mandioca produz mais.

Então, quero dizer a vocês que precisamos fazer um esforço conjunto, como temos feito até agora, para melhorarmos, lembrar às pessoas que estão aqui da reunião da Câmara, às 14 horas. E agradecer ao deputado pelo esforço que tem feito durante toda a sua vida, no dia a dia, e por essa audiência.

Um abraço a todos, bom-dia e muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Gostaria de passar a palavra a Cecília, presidente da Cooperativa de Mulheres da Agricultura Familiar, para ela dizer algumas palavras.

A Sr^a CECÍLIA:- Vou falar duas palavrinhas só. A agricultura familiar é parte da agricultura dos nossos antepassados. Antigamente, era muito valorizada, pois meu pai foi criado dentro da agricultura familiar. E hoje a juventude, como meus filhos e meus netos, não conhece quase nada da agricultura familiar, por causa do resultado, porque eles plantam mas na hora de vender não tem valor, isso desanima os jovens.

Com esse retorno aí, vamos ver se Deus nos ajuda nesse caminho para a gente ter um resgate e melhore a vida dos nossos agricultores, as pessoas da zona rural ter mais valorização e conhecimento. Dentro das famílias que querem trabalhar, mas não tem condições devido ao retorno. Hoje, as pessoas só querem emprego, porque trabalham 30 dias e já tem um retorno. E a mandioca demora o retorno. Mas que essa agricultura seja resgatada.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Maravilha, D. Cecília.

Está vendo, Bahia, mulher guerreira. Isso é que é importante. Encontramos várias dessas ao longo de nossa caminhada. Com uma delas, eu aprendi, D. Cecília, a maior lição da vida, naquela seca de três anos. Eu estava em Macururé, e a presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Macururé, quando levamos a Secretaria itinerante para lá, numa sessão, depois que todos os dirigentes da Secretaria acabaram de falar, abrimos a palavra. E uma baixinha com uma cara de brava danada, olhou para nós e disse: Meu nome é D. Lia, sou presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Macururé e quero dizer ao senhor, secretário, que se esse governo não fizer nada por Macururé, que é a terra do bode, se esse governo não fizer nada por nós, com o preço do milho a R\$60,00 o saco, no ano que vem, as crianças que nascerem aqui não vão saber o que é um cabrito. A terra do bode não vai ter mais nenhum cabrito.

E aquilo me chocou um bocado. E em razão daquilo, Carlos Armando, que está ali do lado, entrou comigo numa guerra ferrenha e conseguimos botar 28 armazéns de milho para vender o milho subsidiado, a R\$18,00 o saco. Foram 28 armazéns, e um ficava ao lado de Macururé, ali em Chorrochó. Graças a uma guerreira, como a D. Cecília que está aqui, que a gente mudou. Acho a crítica importantíssima na vida de um gestor público. Naquele momento eu tomei um esporro de D. Lia e, na semana seguinte, eu estava no Palácio do Planalto com a presidenta Dilma, com o Ministro do Desenvolvimento Agrário, com o Ministro da Agricultura e com o presidente da Conab discutindo um projeto de milho subsidiado para o Nordeste brasileiro. Eu era presidente do Conselho dos Secretários da Agricultura do Brasil e fui lá para discutir isso graças ao “esporro”, que tomei de D. Lia. É uma coisa muito boa para quem está fazendo gestão pública, ter humildade no lugar da vaidade.

Então, D. Cecília, parabéns por suas palavras.

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Queria passar a palavra ao último orador da Mesa, Lanns e depois passarei para quem quiser falar do Plenário.

Eu era secretário da Agricultura do Estado e Lanns era secretário da Agricultura de Itabuna e ele fez um trabalho excepcional. E quem faz um trabalho bom é premiado, e ele foi premiado saindo da secretaria de Itabuna e indo para o Instituto Biofábrica. Para quem não conhece, é uma organização não-governamental, digamos assim, parceira do governo do Estado da Bahia. O governo banca a totalidade dos recursos dela, e ela faz mudas de árvores nativas para o reflorestamento e de frutas importantíssimas para a agricultura familiar.

Hoje Lanns tem uma responsabilidade muito grande nas costas dele, que é fazer a gente dar continuidade a esse projeto de doação de mudas. Estou vendo ali Mica, nosso secretário de Agricultura, e o nosso diretor da Pesca que sabem o quanto Maraú já recebeu de mudas e quão importante foi para mudar a vida dessas pessoas.

Queria passar a palavra a Lanns. Ele está aqui porque esse Projeto Reniva, inclusive, é o intermediário do Instituto Biofábrica, já que antes de ir para os maniveiros passa por lá. E tenho certeza de que Lanns vai dar continuidade a esse projeto, com Marcelo ajudando na Secretaria de Desenvolvimento Rural.

O Sr. LANNES ALVES DE ALMEIDA:- Bom-dia. A gente não almoçou, então é bom dia ainda.

Parabenizo o deputado e amigo Eduardo Salles pelo projeto de lei. Saúdo a Mesa na pessoa de Izaltiene e a plateia na pessoa de Mica, meu colega secretário de Agricultura. Quero dizer que estamos nessa missão de estar à frente do Instituto Biofábrica de Cacau, mas na certeza de que não estamos sós. Tivemos uma recepção muito boa da Embrapa, agradeço a Hermínio, Osvaldo, Estevão e Vilarinhos. Enfim, todo mundo da Embrapa já abraçou a nossa gestão. Também agradeço à Magnífica Reitora Adélia, da Universidade Estadual de Santa Cruz; à Universidade Federal da Bahia; à Universidade Federal do Sul da Bahia; ao IFBA, através do Magnífico Reitor Renato; e à CEPLAC, que tem nos auxiliado. Então, isso nos dá a tranquilidade de saber que não estamos sós.

O desafio é grande, deputado Eduardo, e a gente tem essa relação direta com os dois secretários, tanto com o secretário Jerônimo quanto com o secretário Vítor. Então, diariamente estamos passando para eles esses avanços. Nesses primeiros 70 dias já recebemos diversas visitas – não é, Hermínia? –, já estivemos na Embrapa, Izaltiene já esteve lá. Portanto temos essa tranquilidade de saber que não estamos sozinhos.

O desafio é grande, mas para quem acorda cedo e dorme tarde e para quem está, como a falamos lá na região, de galera, é extremamente tranquilo fazer esse trabalho e trazer o Instituto Biofábrica para o século XXI, trazendo toda a tecnologia para repassá-la, principalmente, para o agricultor familiar.

Mais uma vez parabenizo o deputado Eduardo Salles e afirmo que estamos à disposição naquilo que for para somar.

Um forte abraço e bom dia a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Quero passar a palavra a algumas pessoas do Plenário. Mas, antes disso, quem viu Osvaldo, que é vereador de Cruz das Almas e da Embrapa? Diga a ele, Maurício, que queremos ele presente aqui.

Quero também cumprimentar Hermínio, da Embrapa, que também está presente. Ele e Osvaldo estão na linha de frente, na entrada do Plenário. Quero cumprimentar João Bosco, nosso querido colega que foi diretor da EBDA no período em que estávamos juntos; Raimundo Sampaio; nosso querido Almeida Júnior e essa turma que estava conosco junto com Carlos Armando e com Bolota nessa caminhada na Secretaria da Agricultura do Estado da Bahia.

Queria depois, Dorival, ouvir você também falar da Coopasub. Queria ver Marcos Martinez, a turma da Bahiamido, ele também estava aqui. Queria ouvi-lo.

Queria agora que Toni, que é padeiro a vida inteira, subisse ao púlpito para dar um depoimento de como foram esses experimentos. Porque nada melhor do que alguém que conhece, que tem feito o pão com fécula, para tirar qualquer dúvida. Queria um depoimento de Toni neste momento.

O Sr. TONI:- Bom-dia a todos.

Trabalho na área de panificação, sou confeiteiro há 31 anos e entrei na pesquisa desses pães com o Dr. Joselito Mota há 15 anos. É um prazer ter participado disso.

Hoje estou feliz com o deputado Eduardo Salles, que está de parabéns por colocar esse projeto, junto com os demais deputados, para que tenha a aprovação para ajudar, por que as pessoas chegam e perguntam: Toni, qual a diferença desse pão? É mais gostoso?” Eu disse: É, e o melhor dele é que gera emprego e renda.” Então, isso vai ajudar muito a agricultura familiar, e em cadeia vai ajudar muita gente.

Eu quero agradecer a oportunidade, que vocês tenham o maior carinho com esse projeto.

Muito obrigado pela oportunidade. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Toni, obrigado.

Eu quero cumprimentar aqui uma pessoa que não está presente, nesse momento, mas que ajudou muito, foi quem também articulou com Toni e com Joselito a vinda disso aqui, que é o vereador Max Passos, lá de Cruz das Almas, ele é um defensor muito importante da questão da fécula de mandioca. Mas, hoje tem um grande evento lá em Brasília e ele não conseguiu retornar.

Agradecer também, porque hoje a gente trouxe aqui para degustarem todos esses pães com fécula de mandioca, graças a Max Passos, que não está aqui presente, mas Railda veio representando ele, mas ele foi a pessoa fundamental nesse processo e é um apoiador, sem dúvida nenhuma, que vai caminhar conosco nessa andança nossa.

Agora quero abrir a palavra para quem quiser falar, queria muito ouvir Oswaldo, ouvir o pessoal da Bahia Amido. Chegou agora o nosso querido Oswaldo, que é quem está ensinando mandiocultura, ele é vereador de Cruz das Almas, mas, acima de tudo, é pesquisador da Embrapa, uma pessoa de referência também, e está aí conosco nesse momento, depois quero ouvir a impressão dele em relação ao assunto, ele que é um legislador lá em Cruz das Almas. Falei agora também de Max, seu colega, que são dois defensores importante da mandiocultura na região.

Passo a palavra ao diretor do Sindicato de Panificadoras, Maurício Vilas Boas.

O Sr. MAURÍCIO VILAS BOAS:- Senhoras e senhores, nobres deputados, presentes, há uma preocupação muito grande do sindicato, e por isso ela vem aqui marcar uma presença e dizer que não é totalmente a favor desse projeto, não é porque ela mexe com a receita das panificadoras.

Mais ou menos no ano 2000 houve uma propaganda muito grande em relação à fécula, e diziam que podia adicionar a fécula à farinha que ia baixar o custo. Eu, como

panificador, fui um dos que mais testei, por isso hoje eu estou aqui quase que à vontade para poder falar a respeito disso. Testei primeiro sem o padeiro saber que eu estava testando a fécula. Peguei a farinha, coloquei 10%, dei o saco de farinha para ele, ele trabalhou e disse: “Algum problema aconteceu no pão, no final da tarde. Aí eu fui ver e vi que o pão tinha fermentado muito pouco, o pão estava com a fermentação baixa. Nós temos um padeiro aqui que ele pode até confirmar.” Aí eu cheguei para ele e disse: “Olhe, eu acho que você esqueceu o fermento, o produto químico você adicionou errado, alguma coisa”. Aí, no outro dia eu fui e adicionei 5%, ele não sabia, ele fez a receita básica de novo. E eu disse: Não, rapaz, você esqueceu, foi o fermento que estava com defeito, ele devia estar furado, o aditivo, qualquer coisa”. E ele fez o pão sem a fécula de mandioca, e o pão deu certo como ele vinha fazendo há anos. Aí me criou uma dúvida muito grande em relação a isso.

Quando eu penso em adicionar 10% de fécula de mandioca numa farinha e jogar para essa massa de padarias que existem por aí, onde, sem treinamento, sem previamente se fazer nada, vai ser um desastre. Se eu colocar fécula de mandioca, eu vou levar o companheiro para lá para trabalhar comigo, e uma coisa eu digo a vocês, 10% de mandioca à farinha de trigo, você não tira um pão crescente de tamanho razoável sem adicionar produto químico. A adição de produtos químicos reforçadores de massa são cancerígenos.

Então temos que ter cuidado no paralelo com relação a isso.

Sou a favor da agricultura familiar, sim. Nasci em Nazaré das Farinhas. Meu pai teve fazenda. Vi fazer farinha de mandioca. Se eu nasci em Nazaré das Farinhas, vou dizer, também, que nasci em Sodoma. E meu pai produziu farinha. Então tenho receio quanto a isso.

E o sindicato, através do Mário Pithon, está analisando este projeto junto a mais um grupo. E não queria, aqui, dizer que não vai dar certo. Não quero dizer que não vai dar certo.

O que quero dizer é o seguinte: é perigoso você adicionar os 10% sem a presença do nosso padeiro para dizer como ele adiciona e tudo o mais.

Salvador tem quase duas mil padarias. Como fazer para que, no primeiro uso da farinha, o cara diga: “Eu não quero esta farinha do moinho da Bahia, porque a massa não cresceu ou porque o pão não fermentou. Eu quero a medalha de ouro.”

Bem, para ganhar a medalha de ouro, portanto, em invés de ele colocar 10%, ele coloca 1%. A farinha é a medalha de ouro, porque deu um pão bonito. Vejam, porque há o glúten, a massa reage, facilmente, com os outros produtos.

Mas eu não vim aqui para dar aula de panificação até porque não sou padeiro. Eu sou curioso. Já fiz algumas experiências dentro de padaria. Gostaria de ser contestado até para sair daqui um pouco mais capaz para discutir estas questões.

Em relação ao uso da fécula da mandioca, tem é uma coisa que me preocupa. Hoje, tenho uma *delicatessen* e compro farinha por R\$ 3,20 ou R\$ 3,50 ou R\$ 3,80 vindas da região de Santo Antônio de Jesus e de Nazaré. A farinha de trigo está custando R\$ 2,00 a mais cara.

Agora, cabem as perguntas: como adicionar fécula à farinha de trigo? Como confiar nos moinhos de que eles vão colocar exatamente aquele percentual? E eles vão orientar, exatamente, a quantidade de fermento e, exatamente, a quantidade de emulsificante?

Então, essas são coisas para a gente pensar e não deixar que venha só por conta de que a agricultura familiar precisa. Ela precisa sim. No entanto, há outros caminhos também.

Eu sou contra a obrigatoriedade.

Se o preço for mais baixo, que não acredito que venha ser mais baixo, porque ninguém compra um quilo de farinha hoje por menos de R\$ 4,00. Alguém compra, aqui? Farinha boa não compra! Farinha boa, de copioba, não compra.

Então como colocar a fécula dentro do trigo?

Bom, posso voltar a colocar mais alguma coisa. Porém, deixo, aqui, a nossa desconfiança em relação a isso aí.

Quanto às 2 mil padarias existentes em Salvador, na hora em que se colocar 10% da fécula, o pão não crescerá e se adicionará produto químico. Aí, aquela agricultura familiar, que algumas pessoas vão se beneficiar com ela, outros não pagam pronto socorro daqui a 10 anos, porque pão, minha gente, é uma coisa que você come todo dia e come na mesma padaria. Se eu adicionar bromato todo dia para o pão crescer, eu vou vendê-lo mais barato. Ele cresce. Eu vendo, por unidade, mais barato. Logo, aquela população, que ingeriu esse pão, terá problemas de saúde. Quanto a isso, não tenham dúvida.

Então acho que esta discussão deve passar, também, por conselho médico e por conselho de sanitarista para poder verificar isso. Eu não sei se o companheiro aí já fez alguma análise de, colocando um produto químico exageradamente, numa masseira, depois do produto final, sendo analisado, o que ele tem de resíduo? Quanto ao bromato, a gente sabe que ele se transforma em brometo depois de alta temperatura.

Aliás, não vou entrar nisso aqui, porque vai ficar parecendo que estou querendo ser até professor.

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Não, não, não.

Agora, Maurício, entenda bem, porque estamos, aqui, em um local de trabalho mesmo. O objetivo é discutirmos, até quando for possível, as coisas para poder elucidar e tirar qualquer dúvida. Por isso, trouxemos para cá o Toni. Inclusive, o Joselito deve falar aqui... Nada de polemizar, acho que é importante a gente colocar. Mas, por exemplo, Toni dizer... Se você puder passar o microfone para Toni – Pati – só para que ele explique, para você, como é que ele faz esse pão, se tem alguma diferença. Você coloca algum produto químico em função de ter colocado a fécula? Explica aí, por favor, para a gente entender.

O Sr. Toni:- Olha, a maneira que uso na panificadora que trabalho, não altera nada. Nem produto químico, nem fermento, nada. Colocamos 90% de farinha de trigo, 10% de fécula, batemos normalmente e colocamos todos os ingredientes: fermento, açúcar, sal, margarina, se for necessário. E fazemos normalmente, e a prova

está aí.

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Você nunca viu esse problema, Toni? Você chegou depois que ele explicou. Ele tinha dito que o pão não cresce. Você já viu alguma vez algum problema? Você usa brometo nesse pão com fécula?

O Sr. Toni:- Não, não, o brometo é proibido.

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Pelo que você me disse, lá embaixo, você inclusive faz um pão de melhor qualidade com a fécula?

O Sr. Toni:- De melhor qualidade, a qualidade está ali. Até o trigo sozinho pode dar esse problema de murchar o pão. Até o trigo sem fécula, acontece, porque o glúten está fraco.

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Maurício colocou que teria que ter alguém para treinar, você acha que é uma coisa igual para qualquer padeiro? Não muda nada?

O Sr. Toni:- Igual, igual. Não precisa treinamento nenhum.

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- A ideia nossa, Maurício, é de que já venha do moinho. Mas você diz que nesse caso, já é garantido pela lei que o moinho coloque 2%, em cada ano, para chegar a 10% lá na frente. Mas o moinho vai ser responsável, assim como os órgãos vão ser responsáveis por fiscalizar. Então, não vem nenhum produto, exceto o trigo... Quando chegar, daqui a 5 anos, a 10%, você vai ter 90% de farinha de trigo e 10% de fécula.

Outra coisa que eu queria colocar, Maurício, antes de passar para Joselito, você está falando do preço da farinha. A farinha é mais cara que a fécula, entenda bem. A gente tem, hoje, um preço de fécula de 2 e pouco o quilo. O trigo também é esse preço mais ou menos. Se você pegar o histórico, sempre o preço do trigo – nós pegamos e vimos – é muito maior. Ainda mais quando o dólar estoura. Hoje, está bem próximo o preço da fécula do preço da farinha de trigo, porque, simplesmente, houve uma seca de 3 anos. Como você viu isso também está previsto na lei, que quando a diferença no preço for muito grande, a gente retorna. Não tem obrigatoriedade. A lei é muito maleável justamente para se adequar às condições de mercado.

Hoje, o preço da fécula é semelhante ao da farinha de trigo, mas sempre foi muito abaixo. Ainda mais agora com o dólar a quase R\$ 4,00. Você sabe que 80% do trigo é importado, então quando o dólar saiu de R\$ 2,60 para quase R\$ 4,00, sem dúvida alguma, o trigo estourou de preço e teríamos uma diferença muito grande, caso não tivéssemos tido uma seca sem precedentes como a que houve.

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Vou passar a palavra a Joselito para irmos esclarecendo alguns pontos. É como disse a você, Maurício, o nosso objetivo é esclarecer. Agora de forma alguma queremos usar produtos químicos. Isso é bem claro, foi colocado por Toni e pela gente, de forma alguma. A lei diz que são os 2 e vão ser fiscalizados. De forma alguma, podemos misturar uma coisa e dizer que vamos ter que colocar mais produto químico em função disso. É por isso que chamei Toni para dizer. Ele já esclareceu que, de forma alguma, coloca produto químico e não colocará, porque ele acha – pelo que eu entendi – que não muda nada, nada, nada.

Qualquer padeiro saberia.

Acho que o seu padeiro, nesse dia, estava com algum problema, porque já perguntei isso, e Joselito já testou em outras padarias isso aí. Ele alega que já fez amostragens e disse que várias padarias já usam a fécula de mandioca na mistura por causa do preço, àquela altura, mais barato.

Então, elas usam, não de uma forma legalizada, como queremos colocar. Mas muitas padarias já usam a fécula, misturando até volumes maiores, em vez de usar no máximo 10%.

Vou passar a palavra para o Joselito, para entramos nessa.

O Sr. JOSELITO:- Vejam bem, em 2001, quando iniciamos esse trabalho, o que foi feito foi uma substituição ao nível de 10. Fizemos com 20, fizemos com 15, depois fizemos com 10. Com 15, deu muito bom ainda, mas, porque há variação do teor de glúten nas farinhas – por uma questão de segurança e em busca de uma farinha mais fraca em glúten – estabelecemos 10%. Foi esse o trabalho inicial.

Percorremos vários Estados. Se eu disser que já passei por mais de 200 padarias, eu estarei mentindo porque passei por mais. Em todas eu dizia: “Não muda a rotina da panificação, você só faz a substituição. E ainda tem um atributo favorável à panificação: quando você usa a fécula, você dá uma pulverização, uma vaporização reforçada, ou seja, você pode injetar um pouco mais de água para evitar algum ressecamento”. Não é isso, Anne? Dependendo do tipo de forno, pode ser que precise. Se isso acontece, é mais favorável para quem comercializa.

Então, em 2002, vejam bem, fui convidado pela presidente do Sindicato dos Panificadores de Salvador para o VII Fórum Norte e Nordeste de Panificação, em Campina Grande. Estive com mais de 15 representantes de sindicatos do Norte e Nordeste e fiz palestra sobre isso. Foi quando saiu aquela matéria que fiz no Jornal Nacional sobre o uso da fécula. E daqui, por telefone, mantive contato com duas panificadoras... Hoje, você entra no Google e vê lá: Trigos e Cia.? Está lá em Campina Grande; Forno Nobre? Está lá em Campina Grande. E, por telefone... No coquetel de abertura desse congresso de panificadores o pão foi colocado lá à disposição, e todos os panificadores elogiaram.

Não adianta a gente ficar fazendo fantasia para dizer que o problema é o produto. O bromato de potássio está proibido, meu amigo. Se o indivíduo disser que está usando, pela legislação, está fechada a padaria. Esse nome não era nem para ser citado. Não pode.

Cheguei a Cruz das Almas, em 2002, verificando padarias – fiz isso até com panificadores até na zona rural – e observei que tinha pão com fécula numa padaria da rua Cícero Nazareno. Cheguei para o camarada e disse: “Você está usando fécula?” Ele disse: “Não”. Eu disse: “Mas, rapaz, esse pão tem fécula”. Aí estalou. Eu disse: “Bom, vou pegar amostra da farinha”. Peguei, fui na Parati e disse: “O que é que você tem aí?” Toni disse: “É, pelo jeito essa deve ser Sarandi”. Peguei as outras, Suprema e Medalha de Ouro, e mandei para o laboratório. Tenho esse laudo, gente, assinado pela pessoa que analisou dizendo que a farinha de trigo já saiu do moinho com fécula.

Apresentava grânulos de triticum vulgare, que são assim, assado, bem como grânulos de Manihot esculenta Crantz, que são esféricos lenticulares assim e assado. Quer dizer, a indústria do trigo, no momento em que o trigo... Quando eu comecei isso, 1 quilo de farinha de trigo custava R\$ 1,00, em 2002, e 1 quilo de fécula custava R\$ 0,60. Era muito vantajoso.

Mas o assunto é muito complicado. Se não sair do moinho... Porque o indivíduo pode usar. Quando você recomenda ao panificador que use, ele já vem batizado, já vem com fécula, já no nível. Porque se é diminuidor do glúten, quando ele bota a mais, o pão fica chocho. O pão precisa do glúten para se expandir, principalmente o carro-chefe que é o pão francês. Então se já vier de lá, pronto. Se houver possibilidade de baixar o preço, que baixe lá; não vai baixar mão do panificador. Porque o panificador, por sua vez diz: “Olha, eu estou usando, mas não diga que eu uso, não”. Porque o comprador vai lá e diz: “Olha, se você está usando ingrediente mais barato, porque você não baixa o preço do pão?” Se tiver que baixar, tem que ser fonte, na origem.

Obrigado.

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Joselito, vamos passar a palavra para o Osvaldo, nosso comandante da Embrapa, que quer dar uma palavra. Vou passar para cada um que queira falar. O Dorival deve querer dar uma palavrinha também.

Eu só peço que seja breve.

O Sr. OSVALDO:- Vou ser breve.

Queria parabenizar toda a Mesa na pessoa do deputado Eduardo Salles. Considero que há dois pontos importantes. Acho que Joselito coloca a parte técnica da viabilidade desse projeto; Toni, a parte prática. E eu vou colocar um outro elemento, que é o consumidor. Temos levado essa tecnologia em alguns eventos e sentimos o atrativo do consumidor por essa tecnologia. Também acredito, deputado, que se o preço está alto, hoje, é porque ainda existe pouca fécula. Acredito que esse projeto de V.Ex^a poderá potencializar a produção da fécula. O que vai revolucionar a mandiocultura, porque é a cultura mais plantada na Bahia pelo agricultor familiar. Acredito que esse projeto tem um cunho socioeconômico extraordinário, potencializando a cultura da mandioca e, inclusive, colocando o preço da fécula muito abaixo da fécula de trigo.

Então, acho que é um projeto extraordinário. E fico feliz, deputado, porque provocado por Joselito Mota também apresentei esse projeto em nível municipal, em Cruz das Almas, o aprovamos e enviamos cópia para todas as padarias de Cruz das Almas. E ficarei muito feliz se esse projeto vier a ser realidade na Bahia, porque nosso papel também foi cumprido. Quero parabenizar a ideia desse projeto muito importante e que tem um cunho social muito importante. Parabéns, espero que a Casa aprove esse projeto que será de grande importância para toda a Bahia.

Muito obrigado.

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Muito obrigado, Osvaldo.

Há, também, um grande defensor que está com o secretário e não pode estar

aqui hoje, que é nosso querido Orlandinho, uma pessoa que também defende muito essa questão da fécula da mandioca. Agrônomo, colega, que não pôde estar aqui hoje, mas que, sem dúvida, é um grande defensor.

Queria passar a palavra para Dorival Cruz, diretor da Coopasub, que é uma das maiores produtoras de fécula de mandioca do Estado. Está localizada, como disse a vocês, em Vitória da Conquista, custou, naquela época, R\$ 17 milhões e, hoje, tem Dorival como seu diretor.

O Sr. DORIVAL CRUZ:- Bom-dia para vocês, quero saudar a Mesa na pessoa de Izaltiene, presidente da Câmara de Mandioca e ex-presidente da Coopasub, sou diretor comercial da Coopasub e queremos, deputado Eduardo Salles, parabenizá-lo pelo projeto e pela iniciativa inovadora. Sabemos que a cultura da mandioca, como já foi dito aqui, é um produto que é cultivado em todos os 417 municípios da Bahia. Um projeto desse, sabemos que só vem para beneficiar o agricultor familiar. Então, precisamos defender um projeto como esse, porque vai melhorar a vida do nosso agricultor. Sabemos do compromisso com que está sendo feito esse projeto, com tantas organizações participando. A Embrapa vem há muito tempo pesquisando nessa área, com a participação dessas organizações, com os padeiros fazendo testes. Sabemos que esse projeto tem tudo para dar certo e vai contribuir muito com os nossos agricultores.

Também parabenizá-lo pela iniciativa de toda a cadeia da mandioca, como a questão da inovação da própria semente da mandioca, o melhoramento da maniva. Sabemos que um projeto desse pode ter impacto em outras questões, e temos que estar melhorando a produção da mandioca para não vir a elevar o preço e prejudicar os agricultores nesse sentido. Então, acreditamos que é um projeto muito bom e que vai trazer grandes resultados. E nós, da Coopasub, estamos muito felizes, porque vimos há um bom tempo defendendo esse projeto. Izaltiene, como vocês sabem, esteve à frente da cooperativa em outros momentos e vem há muito tempo defendendo isso.

Esperamos que esse projeto seja aprovado para avançarmos mais ainda nessa questão. Só temos mesmo que parabenizar por tudo isso que está sendo feito.

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Tem mais alguém que queira se pronunciar?

Então, queria cumprimentar José Jorge, coordenador geral da Comunidade Quilombola de São Gonçalo dos Campos; Luís Henrique Nascimento, presidente da colônia Z-18, de Itacaré. José Jorge está querendo falar?

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- V. Ex^a vai falar agora no final, que é o fechamento. Vai ser o último a falar. Com a palavra José Jorge e depois José Mendonça. É por ordem alfabética. José Jorge vem antes de José Mendonça.

O Sr. JOSÉ JORGE:- Bom-dia a todos, bom-dia, Sr. Deputado. Estamos aqui hoje nessa discussão sobre a fécula de mandioca. Sabemos que a quantidade de fécula para inserir no pão é mínima. É a produção de um estado. O certo é que, em se tratando de mandioca, não é só a fécula que vai fortalecer a agricultura familiar. Falo

isso porque tenho base. Sou mandioqueiro desde os nossos antepassados. Quando se fala de quilombola, a sua origem sempre foi a manicultura.

Nós também conversamos sobre a produção, que trata da cadeia produtiva de mandioca. Mas, até hoje, em todas as conferências que participei desde 2015, ainda não ouvi falar nos recursos. Pois, se vai ter uma cadeia produtiva de mandioca, se vai ter edital para a casa de farinha da agroindústria, é preciso falar do recurso, que é o financiamento feito pelo Banco do Nordeste, subsidiado pelo banco.

Através da mandioca, é produzida ração para galinha caipira, ovelha, carneiro, boi e cavalo. Tudo é uma boa prática para a agricultura familiar, para os pequenos agricultores, os “mandioqueirinhos”. Quando se fala de mandioca, quem planta são os pequenos produtores. Então, nós achamos que esse é um projeto bom, mas também temos que discutir sobre esse financiamento do Banco do Nordeste, que é um financiamento com subsídio, igualmente como é feito nas outras criações de pequeno ou grande porte. Na cultura da mandioca não conseguimos tomar esse empréstimo, e sem ele essas casas de farinha podem se tornar um elefante branco. Ou então, só o agronegócio vai tomar conta desses editais.

Essa é uma articulação que eu tenho feito. Muito obrigado.

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- O.K., Zé. Vamos correr atrás disso aí também. Temos aqui a Comissão de Agricultura e Política Rural e, sem dúvidas, podemos, através dela, cobrar isso que você colocou.

Temos duas pessoas para falar: Zé Mendonça e Júnior. Vou passar a palavra para Júnior, que é o homem de Nazaré das Farinhas, da mesma cidade de Maurício.

O Sr. JÚNIOR:- Ele é da localidade de Sodoma, que hoje pertence ao município de Muniz Ferreira.

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- É verdade. Muniz Ferreira.

O Sr. JÚNIOR:- Antigamente Muniz Ferreira era distrito de Nazaré das Farinhas. Hoje, separou.

Quero parabenizar V. Ex^a, Sr. Deputado, pela iniciativa. Nazaré é uma cidade que produz muita mandioca, mas não é incentivada pelo governo do Estado. As casas de farinha de lá acabaram quase todas. Só para vocês saberem, eu fui vereador por quatro vezes e presidente da Câmara, também por quatro vezes, e existem vários projetos meus lá. Na época, junto com o prefeito, construímos 14 casas de farinha. Hoje, visitando o município – estou voltando para a política, pois fiquei quatro anos fora – e visitando as zonas rurais de Nazaré, vi que não existe mais nenhuma dessas casas funcionando atualmente.

Não tem incentivo do governo do Estado. Hoje os produtores de farinha e beiju em Nazaré ficam sem saber qual rumo tomar. Sou fã do deputado Eduardo Salles – apesar do pouco tempo que o conheço – e vejo sua iniciativa...

(Um dos participantes da sessão se manifesta fora dos microfones.)

O Sr. JÚNIOR:- (...) É rapidinho. Como eu falei, Nazaré tem condições de produzir muito. Produz muita mandioca, mas não tem incentivos do governo do Estado e da prefeitura. Os prefeitos acham que o povo da zona rural só precisa de

estradas. Bolota foi prefeito e sabe. Em Nazaré, o prefeito já está há 8 anos lá e só faz consertar estradas. Fico triste porque vejo o povo sofrendo e não tem incentivo de nada.

Então, digo a V.Ex^a, deputado Eduardo Salles, que é importante também colocar a mandioca na merenda escolar; é um ponto importantíssimo.

Parabenizo a V.Ex^a pelo incentivo. Vamos dar cursos, vamos levar isso que estamos vendo hoje aqui para o produtor, vamos para zona rural conversar com eles e tentar colocar para frente.

Parabenizo V.Ex^a. Conte comigo, Nazaré está de portas abertas.

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Nazaré das Farinhas vai voltar a ser Nazaré das Farinhas, não é, Júlio?

O Sr. Júlio:- O nome é Nazaré das Farinhas, mas hoje não produz farinha.

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Na verdade, hoje Nazaré das Farinhas não produz farinha. Vamos ter de voltar a produzir farinha lá.

O Sr. Júlio:- Nazaré hoje está vivendo do passado!

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Contamos com sua ajuda, Júlio, para que a consigamos mudar essa realidade e transformar Nazaré das Farinhas.

O Sr. Júlio:- Com certeza.

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Um abraço.

O Sr. Júlio:- Parabéns, deputado!

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Quero passar agora a palavra para o nosso querido ex-prefeito de Ipiaú, por duas vezes, Dr. José Mendonça.

O Sr. JOSÉ MENDONÇA:- Vereador uma vez!

É bom estar aqui e ouvi-los. A agricultura crescer, é crescer a estabilidade econômica do País. E esse projeto vai crescer a qualidade do pão.

Muito obrigado!

O Sr. PRESIDENTE (Eduardo Salles):- Mais alguém que queira falar?

Então, a gente vai encerrar a sessão.

Quero agradecer muito a presença de vocês todos aqui e dizer que essa luta não para. Temos trabalhado muito nesta Assembleia defendendo esse tema. Eu coloquei na minha sala um painel inteiro na parede, um papel de parede, colocando o mapa da Bahia e dizendo que temos a defesa incondicional da agropecuária e da pesca.

Podem ter certeza de que vamos estar aqui defendendo, porque conhecemos e sabemos da importância de gerar emprego no interior do nosso Estado, de termos uma condição de sobrevivência com qualidade de vida no interior do nosso Estado. E isso tudo passa, sem dúvida alguma, pela agropecuária e a pesca.

Então, quero agradecer muito a vocês todos. Agradeço à presença do Sindicato das Panificadoras; dos agricultores que vieram de cada canto; dos secretários de Agricultura; de Licinho, prefeito de Lajedo do Tabocal; do amigo Carlinhos, prefeito de Curaçá, que está com César, o seu secretário de agricultura. Agradeço por este

momento importante de vocês. Um abraço grande. Muito obrigado pela presença de todos.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.